

----- **ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE SÃO VICENTE** -----

----- SESSÃO ORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE SÃO VICENTE
REALIZADA NO DIA VINTE E NOVE DE JUNHO DE DOIS MIL E VINTE E SEIS
----- **ATA NÚMERO QUATRO** -----

----- (Mandato 2025-2029) -----

----- Aos vinte e nove dias do mês de junho de dois mil e vinte e seis reuniu, no Ginásio da Junta de Freguesia de São Vicente, sito na Calçada dos Barbadinhos, número trinta e seis, em Lisboa, a Assembleia de Freguesia de São Vicente, sob a presidência da Presidente em exercício, Joana Olinda Mendes Oliveira La Cueva (BE), coadjuvada por Letícia Samanta da Costa Marques (PS), Primeira Secretária em exercício.-----

----- Assinaram a “Lista de Presenças”, para além dos mencionados, os seguintes Membros: -----

----- **Do Partido Socialista (PS)** – Sílvia Maria da Silva Ferreira, Isabel Luísa Santos Jerónimo Tavares Cirne e Ricardo Martinho Bouça Luiz. -----

----- **Do Partido Social Democrata (PSD)** – Tiago Filipe Rodrigues Gonçalves e Bruno Ricardo Silva Santos. -----

----- **Do Partido Comunista Português (PCP)** – Vitor Manuel Alves Agostinho e Michele Boulter Faro. -----

----- **Do Bloco de Esquerda (BE)** – Daniel José Martins Carapau. -----

----- **Do Partido Chega (Chega)** – João Júlio Janela Baptista da Silva. -----

----- **Da Iniciativa Liberal (IL)** – Luís Augusto Sá Souto. -----

----- **Do Movimento “Em Frente São Vicente” (MEFSV)** – Daniel Oleirinha Adrião. -----

----- Com a seguinte ordem de trabalhos:-----

----- A. Intervenção do público;-----

----- B. Período de Antes da Ordem do Dia; -----

----- C. Ordem do Dia;-----

----- I. Apreciação do pedido de suspensão do mandato apresentado por Membro da Assembleia de Freguesia;-----

----- II. Apreciação e votação da Orgânica dos Serviços da Junta de Freguesia de São Vicente;-----

----- III. Apreciação e votação da alteração do Mapa de Pessoal da Junta de Freguesia de São Vicente para 2026;-----

----- IV. Apreciação e votação do Regulamento das Atividades da Freguesia de São Vicente em 2026 -----

----- V. Apreciação e votação do Regulamento do Voluntariado na Freguesia de São Vicente;-----

----- VI. Apreciação da Informação Escrita do Presidente; -----

----- VII. Eleição de Vogal da Junta de Freguesia de São Vicente;-----

----- D. Intervenção do Público.-----

----- Às vinte horas e trinta minutos, constatada a existência de *quórum*, a **Senhora Presidente da Assembleia em exercício declarou aberta a reunião.** -----

----- Informou que havia três Membros da Assembleia que apresentaram justificação e pediram a substituição na Assembleia. A substituição foi feita nos termos do Regimento, seguindo a ordem da lista da coligação à época das eleições e nesse caso foi convocada Letícia Marques para substituir Sandro Pereira, Isabel Cirne para substituir Ema Guerra e Ricardo Luís para substituir Mariana Prelhaz.-----

----- Dois desses elementos pertenciam à Mesa e após proceder à identificação dos substitutos teria que pedir uma eleição de Mesa para essa sessão. Seguiu assim o artigo 23º número 3 do Regimento e o artigo 10º, números 3 e 4, da Lei nº 169/99 de 18 de setembro. -----

----- (diálogos cruzados) -----

----- **Membro Bruno Santos (PSD)** disse que, então, todos os elementos do PS invocaram indisponibilidade.-----

----- **Senhora Presidente da Assembleia em exercício** disse que a Mesa esva a fazer aquilo que tinha que fazer, pedia voluntários. Ao contrário de outros Regimentos, em que se estivesse presente um elemento da Mesa podia fazer uma nomeação, no caso de São Vicente o Regimento não permitia isso. Portanto, estava a pedir um voluntário porque tinha que fazer uma votação em voto secreto. -----

----- **Membro Tiago Gonçalo (PSD)** disse que a sua questão era simples. Se já previam que isso ia acontecer, parecia haver alguma trapalhada. Não percebia que estivessem a solicitar voluntários e via o Executivo a olhar para esse lado sem saber muito bem o que estava a acontecer, o que causava alguma estranheza. Só iam com seis ou sete meses do mandato e já estavam nessa situação, se calhar organizavam-se primeiro e iniciavam a seguir, ou faziam uma pausa.-----

----- **Membro Silvia Ferreira (PS)** disse que o grupo do PS gostaria de sugerir a Letícia para Membro da Mesa.-----

----- **Membro Vitor Agostinho (PCP)** disse que havia uma questão cada vez mais técnica na Assembleia, o que era uma coisa nova. Na ata tinha que ficar considerada toda a gente do PS que pediu suspensão e tinha que haver na Mesa justificação dos pedidos de suspensão. Só assim o elemento do Livre estaria em condições de pertencer à Assembleia. A suspensão de mandato era que não podia ir a essa Assembleia e suspendia o mandato para essa Assembleia, que segundo a Lei podia ter até pensava que 350 dias para suspensão do mandato. -----

----- Se estavam a ser tão rigorosos para coisas que não tinham coisa nenhuma, então que fossem.-----

----- **Membro Michele Faro (PCP)** perguntou à Mesa se a transmissão estava a acontecer, tendo em conta que no Facebook costumavam meter o link com a transmissão da Assembleia e verificava que ainda não estava nas redes sociais o link disponível para as pessoas poderem aceder em casa. -----

----- **Senhora Presidente da Assembleia em exercício** respondeu que estava a ser transmitido. -----

----- Submeteu à votação, por voto secreto, a proposta de **Membro Letícia Samanta da Costa Marques para Secretária da Mesa da Assembleia**, obtendo o seguinte resultado: **8 votos a favor e 4 votos contra.** -----

----- (A Senhora Presidente da Assembleia em exercício não participou na votação) ---

----- **Intervenção do público:** -----

----- **Freguês Ludgero Pereira** fez a seguinte intervenção:-----

----- *“Derivado às minhas parcas condições económicas, eu faço o mesmo que toda a gente faz, poupa. Por isso, vou começar com a minha intervenção. -----*

----- *Quero autorização para criar um negócio anti-cheiro para quando houver festas da Junta. Parabéns, pois conseguiram os objetivos de muitos clientes de sessão de esplanada a abandonarem o barco. Tenho um projeto futuro para a instalação das cabines WC, já entregue aos eleitos. Que as mesmas não signifiquem árvores onde os humanos, nós escondemos para fazer as necessidades. Vi duas senhoras a dizer que pagavam o que quisessem, mas que as deixassem ir à wc, o que não foi possível, pois a porta estava fechada à entrada de clientes no бага бага. -----*

----- *Quarto, o que se passa ou passou referente à formação de voluntários para a equipa da proteção civil. O que vi? Vi uma menor atrás do balcão. Eram três horas da manhã e um indivíduo cheio de álcool, a três metros de dois polícias e de duas seguranças, a mijar*

contra a parede. Isto é os termos, vocês que me desculpem, é os termos que eu conheço. Eu no terceiro andar e eles a mijar cá em baixo. -----

----- Falo por mim e por muitos, não uso esquemas. Sejam malcriados, por favor. Respondam com clareza aos residentes quando os mesmos lhes fazem perguntas ou pedem esclarecimento. -----

----- Sétimo, a higiene urbana está uma podridão moral. Na orientação, no controle, atenção ao meu português, na eficácia e o não aproveitamento humano. Os funcionários trabalham com medo, controlados financeiramente e o continuar a não ver o horizonte do trabalho contínuo e nem estão autorizados a pensar num futuro laboral. Para mim, os ditos da higiene urbana já abaixaram as calças. A seguir é as cuecas e depois logo se vê. A única coisa que lhes peço é revoltem-se e lutem pelos vossos direitos. Eu já estou na casa dos 80, não estou senil, o meu obrigado por me ouvirem. -----

----- Vou-lhes mostrar o meu financiamento para as casas de banho, que é precisamente este, é molas simples para o nariz. -----

----- Quem inventou as esplanadas ao pé das casas de banho? Era para dar cabo do negócio ou era por estupidez? Eu faço a objeção porque ouvi clientes a reclamarem e vi uma menor atrás do balcão a vender cerveja. Será que isto não dá para entender? Vocês que são mais trabalhadores na política do que eu, compreenderem que há crimes que não podem passar em branco, que vocês estão a trabalhar para que vos apontem os dedos. Abram os olhos ao menos e vejam o que é que está mal e corrijam. Dêem ouvidos a quem alerta. Não é a mim, é a outros, há mais. -----

----- Fico por aqui, até uma próxima oportunidade. Obrigado, boa noite.” -----

*----- **Freguês Manuel Caetano** fez a seguinte intervenção:-----*

----- “Venho a esta Assembleia na qualidade pai de uma criança que frequenta uma escola desta Freguesia, falar sobre o programa de Férias do CAF e do AAAF. No ano passado a Junta apresentou um programa ambicioso, diversificado e bem estruturado. As crianças tiveram acesso a praias, piscinas, parques temáticos, atividades desportivas, aventura, cinema, bowling, insufláveis, espaços de ciência e muitas outras experiências. Havia variedade e um verdadeiro investimento na ocupação das férias das nossas crianças. -----

----- Este ano, quando analisamos o programa, a sensação é exatamente contrária. Menos diversidade, menos inovação e um plano claramente mais pobre e a pergunta que faço ao Executivo é simples. Porquê? As crianças da nossa Freguesia merecem menos em 2026 do que mereciam em 2025? O orçamento diminuiu? A Junta perdeu capacidade de organização? Ou simplesmente deixou de considerar este programa uma prioridade? Porque aquilo que os pais esperam é que os serviços públicos melhorem de ano para ano. É assim que funciona uma boa gestão. O que vemos aqui é precisamente o contrário. -----

----- Quando um programa perde qualidade, perde atividades diferenciadoras e se torna mais repetitivo, isso significa que alguma coisa falhou. E não estamos a falar de um detalhe, estamos a falar de um programa que ocupa várias semanas da vida das nossas crianças. É por isso que quero perguntar, mais uma vez, ao Executivo: Que avaliação faz do programa 2025? Que melhorias foram introduzidas em 2026? Onde está a evolução? Porque, sinceramente, aquilo que muitos pais vêem não é evolução, e um retrocesso, um enorme retrocesso. -----

----- Ora, vejamos o plano do CAF. Segundas e terças-feiras, atividades na Freguesia. Pergunto, quais são as atividades e onde. Quartas-feiras, piscinas de Montemor. Quintas e sextas-feiras, praia de manhã e parque à tarde. Numa das semanas será realizada uma visita ao Museu do Dinheiro. Quatro semanas disto. Curto, muito curto mesmo para o que os encarregados de educação pagam e esperam. -----

----- Basta recuar ao ano 2025 para vermos um plano de férias muito mais atrativo para todas as crianças. Uma Junta de Freguesia não deve limitar-se a manter serviços. Tem a obrigação de os melhorar e quando um programa, que era bom, passa a oferecer menos, isso merece uma explicação. As crianças da nossa Freguesia não podem ser vítimas de um decréscimo na qualidade dos serviços públicos. -----

----- Muito obrigado.” -----

----- **Freguês João Santos** fez a seguinte intervenção:-----

----- “O que me traz cá são duas preocupações e uma sugestão. A primeira das quais é uma preocupação que se desdobra em três. O ruído durante os santos populares, que acho que é uma preocupação que todos que moram na Freguesia têm sentido. -----

----- O primeiro ponto desta preocupação é a falta de transparência que há na atribuição das licenças de ruído. Eu dirigi-me à Junta de Freguesia, que me encaminhou para a Câmara Municipal, disse-me que a competência da atribuição das licenças competia à Câmara Municipal. Depois de uma troca de e-mails que durou várias semanas, até o final da época do ruído, a Câmara respondeu-me e disse-me que, na verdade, a competência era da Junta. Esta hora já era tarde demais e eu nunca cheguei a saber qual era exatamente o horário do ruído. -----

----- Depois eu perguntei a várias fontes, andei a informar-me e descobri que no máximo até às duas da manhã em vésperas de fins de semana e feriados, exceto na noite de Santo António, que é compreensível que vá depois das duas da manhã. Este horário nunca foi cumprido e nós chamámos a polícia várias vezes. Este é o terceiro ponto da minha preocupação, que apesar de termos chamado a polícia quase todos os dias em que o horário não foi cumprido, a polícia só veio uma das noites e o facto de ter vindo e ter aplicado uma multa a uma das pessoas que estava a fazer barulho criou tensões entre os habitantes da minha rua, que é a Calçada de São Vicente, em que houve até ameaças de pancada. “Como assim esta pessoa atreve-se a chamar a polícia? Isto é uma tradição da nossa cidade e tem que ser cumprido”. -----

----- Pronto, eu compreendo que seja uma tradição, eu gosto muito, vivo aqui também, mas especialmente para quem trabalha, para quem tem filhos pequenos e para pessoas de mais idade, isto é preocupante e acho que devia haver mais transparência por parte da Junta. -----

----- A segunda preocupação que eu tenho tem a ver com o saneamento das ruas, especialmente no Largo do Sequeira. Quero apresentar que há um tapete de lixo, que cada vez que eu tiro o carro tenho que calcar o lixo com as rodas. Uma Junta de Freguesia, que a maior atividade económica é o turismo, isto no mínimo não fica muito bem. Já para não falar dos moradores que aqui vivem. No início da Calçada de São Vicente também. -----

----- Eu penso que isto é uma falta de articulação entre as duas Juntas, a Junta de São Vicente e a Junta de Santa Maria Maior. Não se entendem muito bem a quem é que cabe a recolha do lixo, mas posso dizer que este tapete de lixo de que falo já lá está há mais de duas semanas. -----

----- O terceiro ponto da minha intervenção é uma sugestão de instalação de um abrigo de bicicletas, porque eu já tive três bicicletas enquanto aqui moro. A primeira foi roubada, partiram-lhe o cadeado e as outras duas foram completamente desmontadas e estão inutilizadas no Largo do Chafariz de Dentro. -----

----- Portanto o meu meio de deslocação neste momento está parado. Um abrigo de bicicletas não é assim tão caro, penso que é uma coisa bastante exequível para uma Junta de Freguesia como a nossa. -----

----- Obrigado.” -----

----- **O Senhor Presidente da Junta** disse que relativamente às questões levantadas pelo Senhor Ludgero, o investimento que tinham feito nas casas de banho ao longo do arraial era visível. Evidentemente que havia sempre cidadãos e alguns fregueses que acabavam por eventualmente não respeitar as regras do espaço público e dirigirem-se a essas casas de banho, mas tentavam sempre que viam essa situação pelo menos chamar à atenção das pessoas. -----

----- Relativamente à questão da menor que estava atrás de um balcão, não sabia, mas tinham sempre polícia durante o evento todo. Portanto, todos, se realmente tinham essa certeza, podiam sempre comunicar à polícia se fosse o caso. -----

----- Equipa da proteção civil, levavam nessa sessão um regulamento do regime do voluntariado e tinha também dentro desse regime a questão da proteção civil, porque iam ter voluntários que teriam que ter um seguro coberto. Portanto, todas essas questões estavam previstas nesse regulamento que ia à Assembleia de Freguesia. Era uma das figuras que estava prevista nesse regulamento do voluntariado. -----

----- Relativamente à questão dos trabalhadores, tinham o concurso público, já ia numa fase avançada. Tinha nesse momento os testes feitos, os testes psicotécnicos na higiene urbana. Se não começaram já, estavam a começar. O concurso estava bastante avançado e esperavam rapidamente conseguir ter esse concurso fechado para poderem ter, não só eventualmente quem ganhava o concurso, porque era um concurso público e podiam ser os trabalhadores da Junta como podiam ser outras pessoas, mas esperavam ter isso concluído o mais rápido possível. -----

----- Relativamente à pergunta do Miguel Caetano, que bem conhecia noutras circunstâncias, noutros contextos, também como Membro eleito do PSD na Penha de França, mas agora ali como pai de uma das crianças dizia ele que o investimento que faziam... aliás, isso saberia muito bem também na Penha de França, porque eram férias diferentes. Sabia que na Penha de França, dando o exemplo concreto, já que também era uma Freguesia que acabava por conhecer bem por lá estar, os CAF acabavam por ficar exclusivamente nas escolas. Portanto, não havia essa figura, ou seja, havia uma praia-campo, havia um regime da praia-campo à parte e depois os CAF tinham o seu próprio regime. -----

----- Ali em São Vicente o que fizeram sempre ao longo dos anos e que achava uma aposta muito boa e de equidade entre não só os alunos dos CAF, mas também os residentes, foi que a praia-campo devia ser para todos. Deviam ter um programa de férias para todos. Não fazia sentido as crianças do CAF, só porque pagavam menos ou pagavam um certo valor, não terem o mesmo regime que as crianças que pagariam um valor acima, que era o que acontecia em outras Freguesias, pagava-se um valor específico para a praia-campo e muitas vezes o que acontecia era que depois os alunos dos CAF acabavam por optar pela praia-campo. Os pais que tinham condições financeiras para isso acabavam a optar pela praia-campo para poderem dar praia às crianças. -----

----- No caso de São Vicente não faziam isso ao longo dos anos e bem, sempre fizeram essa equiparação entre o regime da praia-campo e dos CAF, iam todos à praia, mas no fundo isso evidentemente tinha custos e estavam a falar, só para terem uma ordem de grandezas que achava importante, ao longo do ano receberam dos CAF, no total, 153 mil euros, o que dava 14 mil euros por mês só de CAF e o gasto nas férias do ano passado foi 340 mil euros, nas férias em um mês. -----

----- Portanto, boa gestão também era isso, boa gestão era também perceber o que a Junta de Freguesia conseguia e não conseguia a cada momento oferecer à sua comunidade escolar, às suas crianças, e perceber de que forma conseguiam ter sustentabilidade para continuar a fazer essa equiparação entre quem estava nas escolas do CAF e quem eram os residentes que também mereciam ter a praia. -----

----- Portanto, era nessa conjugação de boa gestão económica que percebiam que realmente 340 mil euros por um mês de férias eventualmente acabava por ser insustentável e pouco exequível, que fizeram essa redução. Não era redução da oferta, era redução eventualmente de oferta externa, mas achava que acabavam por ter uma oferta que podia ser interessante também para as crianças. -----

----- Falavam muito da questão das coletividades e se conseguissem envolver as coletividades nas férias de verão, se conseguissem que as crianças percebessem que podia haver uma oferta educativa, cultural, desportiva no bairro, eventualmente até conseguiam fazer, como já aconteceu no passado com as férias desportivas, que alguns jovens até acabassem por fazer prática desportiva na sequência de fazerem parte dessas férias. Alguma criança que fosse a alguma coletividade acabava por familiarizar-se e querer ficar nessa coletividade ou perceber melhor como funcionavam as várias coletividades que havia na Freguesia. -----

----- Portanto, era verdade que se calhar em termos de programa a oferta não tinha tanta diversidade externa, mas tinham outra oferta que também era interessante e importante para a Freguesia, que era conseguir reforçar essa parte da comunidade, das crianças estarem no bairro e perceberem que estar no bairro não era sinónimo de não ter férias. Ou seja, eram férias em que eles iam ter outro tipo de atividades com outro tipo de oferta. Veriam como ia correr. Não sabia como ia ser, mas era isso. -----

----- Estavam ali para fazer essa avaliação constante do que ofereciam e se também achassem para o ano que essa oferta realmente não foi a melhor, também seriam os primeiros a apontar as falhas e a dizer e a tentar encontrar então uma oferta que fosse condicente também com algumas expetativas, tendo sempre em consideração os constrangimentos financeiros. Eram aquilo que eram e tinham de conseguir gerir não só as expetativas dos pais, que eram legítimas, mas também as expetativas orçamentais de sustentabilidade, que também eram legítimas. Portanto, iam também sempre tentar conjugar esses dois fatores. -----

----- Relativamente ao Senhor João Francisco Santos, se conseguisse dar alguma troca de e-mails, até para perceberem o que podia ter corrido menos bem. Às vezes havia muitas coisas que, evidentemente, era a Junta de Freguesia que tratava, mas podia haver sempre falhas e o reconhecer se realmente houve um encaminhamento longo de e-mails sem objetividade. Portanto, depois se pudesse fazer chegar também agradecia e também tentariam ir de encontro a essa questão. -----

----- Relativamente à questão do saneamento e da Calçada de São Vicente, realmente era um desafio. Achava que a higiene urbana era um desafio por toda a Cidade de Lisboa, ali no bairro ainda o era mais. Não se cansava de dizer, estavam no top cinco das Freguesias com maior densidade e maior pressão turística e não só, o que agravava também a questão da higiene urbana. Também recebiam o pacote financeiro para fazer face a essas exigências, mas realmente eram grandes desafios. -----

----- Estavam a preparar um plano de lavagens que iriam publicitar o mais rápido possível, também para perceberem o que estavam a tentar fazer em termos de lavagens e não só. Sempre que houvesse necessidade de reclamações e questões também tentariam ser mais ágeis possíveis. Portanto, se fosse necessário, também dar um contacto mais direto, ou mesmo a troca de e-mails para perceberem o que correu mal e conseguir eventualmente no futuro, quando tivesse alguma queixa ou alguma necessidade, também contactar e haver essa agilidade de conseguirem, se fosse Santa Maria Maior comunicar, se fosse a Câmara também comunicar. -----

----- Portanto, era uma questão de articulação, a higiene urbana atualmente era isso, era a articulação entre Juntas, entre Câmara e, portanto, dentro dos possíveis também

tentariam fazer essa articulação melhor. Depois, se quisesse dar os contatos, também poderiam entrar em contato para ver essa questão. -----

----- Relativamente à questão da instalação das bicicletas, fizeram agora uma primeira instalação perto da escola, mas não de abrigo de bicicletas, apenas do estacionamento temporário das bicicletas, não de abrigo. Podiam pensar nisso, era uma questão que já tinham falado também com algumas pessoas. Sabia que uma das questões que também era importante ver seria em cada espaço para os abrigos de bicicleta se existisse uma comunidade, ou seja, não bastava ser uma pessoa, convinha ser mais do que uma pessoa num certo sítio, convinha haver uma certa comunidade de utilizadores de bicicletas e de mobilidade suave que a utilizassem, para que isso também fizesse sentido à Junta. ----

----- No planeamento que fariam para a instalação de abrigos de bicicleta, que era uma questão que já falaram também com outras pessoas que diziam ter essa expectativa, teriam sempre que fazer essa compatibilização de perceber se em determinado local havia um número considerável de utilizadores de bicicleta para fazer sentido essa ocupação do espaço, porque era tudo uma ocupação de espaço. Tinham espaço limitado em termos de estacionamento, como sabiam e, portanto, tinham que conseguir também conjugar todas essas expectativas dos utilizadores de bicicleta, dos utilizadores de mobilidade, de transporte individual e de transporte coletivo. -----

----- Não sabia o caso em concreto, eventualmente podiam depois falar para perceber quantas pessoas naquela área, ou perto daquela área, utilizavam bicicleta para fazer um abrigo num sítio que fizesse realmente face às necessidades apontadas. -----

----- **Período de Antes da Ordem do Dia;** -----

----- **A Senhora Presidente da Assembleia** disse que na questão das atas cabia-lhe fazer um *mea culpa*, porque na documentação que seguiu inicialmente ia a ata relativa à primeira sessão da Assembleia, realizada no dia 27 de abril. A transcrição da segunda sessão foi recebida posteriormente e ao ser enviada seguiu por lapso a primeira sessão. Por isso, a Mesa queria propor que se votasse a ata da primeira reunião. -----

----- Foi, entretanto, enviada já corretamente, mas consideravam que não houve tempo dos Eleitos lerem a ata. Estavam a falar de atas de quarenta páginas e, portanto, a Mesa ia pedir para que se votasse apenas a primeira ata. -----

----- Submeteu à votação a **Ata relativa à reunião de 27 de abril**, tendo a Assembleia deliberado **aprovar, por maioria**, com duas abstenções e restantes votos a favor. -----

----- **Membro Vitor Agostinho (PCP)** disse que não percebia por que razão houve pessoas que se abstiveram numa ata. Não se estava a tentar cortar aquilo que a pessoa representava. -----

----- Tinha acontecido em muitas Assembleias, essa e todas, que as pessoas que não participaram na respetiva Assembleia abdicavam de votar, exatamente para que nesse caso concreto a ata fosse aprovada por unanimidade, porque depois a Mesa tinha que justificar na votação a razão das pessoas se absterem. Não havia razão nenhuma, porque não estiveram lá e não podiam votar, não podiam dizer se havia uma a favor ou contra, não poderiam votar. -----

----- **A Senhora Presidente da Assembleia** disse que dado ter sido esse o entendimento que chegaram, iam então seguir realmente o mesmo modelo. Tinha a lista de quem esteve presente e que estava presente também. -----

----- Referiu os Eleitos que reuniam as condições para votar a ata. -----

----- Submeteu de novo à votação a **Ata relativa à reunião de 27 de abril**, tendo a Assembleia deliberado **aprovar por unanimidade** dos Membros presentes na respetiva reunião. -----

----- **Membro Sílvia Ferreira (PS)** disse que nos termos em que foi votada devia constar por unanimidade dos que estiveram presentes no dia da ata, a frase correta seria essa e não por unanimidade da Mesa, até porque nem toda a Mesa votou. -----

----- Por outro lado, tinha uma sugestão à Mesa. As sessões eram gravadas, transmitidas e ficavam como recurso para qualquer cidadão poder consultar à posteriori. A ata fazia uma transcrição *ipsis verbis* com erros de escrita, uma coisa era a oralidade e outra coisa era a escrita, que achava redundante e tornava os documentos muito mais densos de leitura, mais difíceis de leitura. Não sabiam exatamente se às vezes as transcrições que atualmente a inteligência artificial fazia podiam estar corrigidas ou não corrigidas. Achava que o documento escrito da ata devia ser um documento bem escrito, porque se quisessem ouvir a transcrição da Assembleia iam ao minuto X e Y que decorria da ata e da ordem de intervenção e, portanto, gostaria de sugerir que as próximas atas pudessem ser mais curtas, não reduzindo as mensagens nem as ideias e evitando uma transcrição que qualquer ferramenta de IA fazia, tendo também o recurso de vídeo e tornando o documento mais legível em termos de conceção e de ideia, do que a mera transcrição *ipsis verbis* daquilo que se passava nas sessões.-----

----- **A Senhora Presidente da Assembleia** em exercício disse que registavam essa menção e seria passada a quem tratava dessa transcrição das atas. -----

----- **Membro Vitor Agostinho (PCP)** disse, sobre os documentos que eram apresentados, que a questão de porem burocraticamente no papel e passar à votação se não houvesse alguém a dizer sim ou não, tinham 30 ou 40 pessoas em casa a assistir à Assembleia e as pessoas que estavam ali que não percebiam nada do que estavam a falar. Portanto, o que sugeria era que no futuro tudo o que fosse apresentado fosse lido, para quem os estava a acompanhar conseguir perceber. -----

----- **A Senhora Presidente da Assembleia** disse que concordava, existia esse costume de ler as moções, recomendações, etc. Isso seria sempre assim para o público ter conhecimento. -----

----- **Membro Vitor Agostinho (PCP)** apresentou o seguinte documento:-----

----- **Saudação** -----

“----- *As marchas populares e os arraiais têm um papel muito relevante na nossa cidade, destacando-se pela forma popular de intervenção cultural e pela animação e colorido que dão aos vários bairros de Lisboa.* -----

----- *É de enaltecer todo o esforço coletivo de largos milhares de pessoas gerados pelo movimento associativo e voluntários graciosos na preparação dos arraiais, com um esforço redobrado para as coletividades que têm que organizar também a marcha do seu bairro.*-----

----- *Numa altura em que viver em Lisboa se tornou um ato de resistência para a maioria das pessoas e também para as coletividades e associações, as festas de Lisboa e as marchas populares são uma forma de reaproximar amigos e vizinhos que foram obrigados a sair da cidade, fruto da especulação imobiliária, bem como reforçar laços intergeracionais que mantêm vivos os bairros e as pessoas que lá moram, preservando aquilo que são as tradições castiças e genuínas que tornam Lisboa uma cidade diferente das outras.*-----

----- *Assim, a Assembleia de Freguesia de São Vicente, reunida a 29 de junho de 2026, delibera:* -----

----- *1. Saudar as festas de Lisboa e as marchas populares, bem como todos os envolvidos nos arraiais da cidade;*-----

----- *2. Saudar o movimento associativo, em particular as associações da nossa Freguesia, pelo empenho na organização dos arraiais;* -----

----- 3. *Saudar em particular a participação das marchas de São Vicente e da Graça, organizadas respetivamente pela Academia Recreativa Leais Amigos e pelo Clube Desportivo da Graça no concurso este ano, bem como a única marcha infantil que se apresenta extra-concurso, organizada pela Sociedade A Voz do Operário.* ----- ”

----- **Membro Bruno Santos (PSD)** pediu escusa na votação, uma vez que era parte interessada numa das saudações, sendo que não votou-----

----- **A Senhora Presidente da Assembleia em exercício** submeteu à votação a **Saudação “Às Marchas Populares e Arraiais”**, apresentada pelo PCP, tendo a Assembleia deliberado **aprovar por unanimidade**. -----

----- **Membro Bruno Santos (PSD)** disse que não tinha pensado fazer nenhuma intervenção nesse ponto, mas as circunstâncias levavam a fazer um desabafo em relação a tudo o que tinha acontecido desde que a Assembleia se reuniu nesse dia. Era absolutamente inacreditável, pelo menos para as pessoas que estavam a acompanhar isso em casa e que eram eleitores, que eram parte interessada no desenvolvimento da Junta de Freguesia, perceberem, e achava que qualquer pessoa percebia, da desorganização, da desorientação que ia desde o Executivo à Assembleia de Freguesia no que dizia respeito à lista da coligação encabeçada pelo Partido Socialista. -----

----- Se as pessoas não sabiam, uma lista era composta por vinte pessoas. Inclusivamente iam tratar de uma situação que dizia respeito exatamente a isso, sabiam que dessas vinte pessoas uma já caiu. Haveriam de tratar isso na altura do ponto preciso, uma já caiu. Sabiam também, pelo menos sabia e os Senhores também sabiam, que outra pessoa também caiu. Estavam a falar de pouco mais de seis meses de mandato. Por essa ordem, iam chegar ao fim do mandato com os cinco elementos do Executivo. Se a cada seis meses caíssem duas pessoas iam sobrar os Membros do Executivo apenas. -----

----- Isso já para não falar da questão que para si pessoalmente e para o PSD era completamente surreal, chegar ao ponto de não terem pessoas para meter na Assembleia e terem que ir buscar o primeiro elemento de uma outra força política, que era em coligação. Isso, obviamente, sem tirar qualquer menosprezo pelo Ricardo, zero em relação a isso, mas era uma coisa que na sua cabeça fazia muito pouco sentido, a falta de preparação. -----

----- Olhar para a mesa do Executivo, com todo o respeito pelo Senhor Presidente e pelos restantes Membros que estavam na mesa, um elemento não existia, iam tratar da substituição, faltava outro elemento do Executivo, mas que imagem estavam a dar? Que imagem era essa que a Junta de Freguesia dava às pessoas em relação àquilo que estava a fazer? Que imagem passava? -----

----- Esse Executivo e essa câmara foram eleitos há pouco mais de seis meses e era uma coisa que não tinha explicação absolutamente nenhuma. Eram situações atrás de situações. Podia falar de N situações, como por exemplo ainda há bocadinho, o Presidente na resposta ao Senhor João Francisco falou em relação à higiene urbana, que era um desafio a higiene urbana como noutras Freguesias, era verdade e estava 100% de acordo com ele, era de facto um desafio muito importante, mas era um desafio na campanha e na campanha o que foi assumido por essa lista que ganhou as eleições era que em trinta dias resolvia o problema da higiene urbana. -----

----- No que dizia respeito à higiene urbana e a outros pontos, fazia ali um *mea culpa* porque nunca pensara que fosse dizer aquilo que ia dizer agora, a lista do PS encabeçada na altura pelo André Biveti, agora Senhor Presidente Junta, um dos slogans da campanha era que iriam levar a mudança para a Freguesia. Na altura fazia-lhe um bocado de confusão, porque se um Executivo durante doze anos de um mesmo partido e havia um cabeça de lista desse mesmo partido, a mudança ali parecia-lhe um bocadinho redundante, mas de facto tinha que dar a mão à palmatória. Era inimaginável dizer isso,

mas de facto mudaram, do ponto de vista da higiene urbana mudaram para pior. A Freguesia, à luz daquilo que iam observando, à luz daquilo que as pessoas iam falando diariamente, a higiene urbana estava pior. -----

----- Um dia em que discutissem a fundo a higiene urbana partilhariam as preocupações, mas era uma coisa para si completamente inimaginável encontrar uma Freguesia pior do que aquela que existia do ponto de vista da higiene urbana quando um dos cartazes, e foram alguns cartazes colocados na Freguesia em campanha, se falava que iriam em trinta dias resolver o problema da higiene urbana. Não resolveram e pioraram, na sua opinião.

----- Depois havia uma série de situações que tinham acontecido e perguntava, era uma pergunta que queria deixar ao Executivo, nomeadamente ao Senhor Presidente, porque era obrigatório por Lei fazer atendimento aos fregueses e era publicitado nas redes sociais e imaginava também no site da Junta de Freguesia a data dessas reuniões em que recebia os fregueses previamente inscritos. Perguntava se era normal, num dia em que estava marcada a receção e o atendimento aos fregueses, o Presidente não estar e fazer-se substituir. -----

----- Atenção que isso não era atendimento do Executivo, essa questão em particular era atendimento do Presidente. Portanto, percebia que houvesse questões de sobreposição de agenda, até aí tudo ótimo, mas não parecia a si enquanto freguês, enquanto morador, que tivesse inscrito previamente para ser atendido pelo Presidente, chegar lá e ser atendido por um dos assessores. Não lhe parecia lógico e, portanto, queria saber se isso de facto aconteceu, porque chegaram alguns relatos de pessoas a informar que isso já aconteceu e já não era a primeira vez, se isso era comportamental ou se foi uma exceção, se era padrão, se era para continuar e se era para continuar o porquê de se chamar aquilo atendimento do Presidente e não alterar essa figura.-----

----- Era esse tipo de coisas que causava alguma preocupação e, no fundo, denotava muita desorientação em relação àquilo que era a organização e àquilo que era a falta nesse caso, uma coisa que já sabiam e temiam, a falta de preparação para o cargo que exerciam. --

----- **O Senhor Presidente da Junta** disse que a pergunta eventualmente foi uma, mas houve várias considerações e achava que também acabavam por ser perguntas, eram perguntas implícitas e, portanto, também deviam ser respondidas. -----

----- Relativamente ao atendimento do Presidente, uma das coisas que faziam, aliás, era uma das coisas que faziam desde o início, não colocavam horas de término dos atendimentos, ao contrário de outros, praticamente toda a gente o que fazia era ter um limite de inscrições. Aliás, o Presidente da Câmara também tinha o mesmo, tinha um limite de inscrições, a partir do qual estava esgotado. Os Presidentes de Junta costumavam ter um limite de horas, uma hora, duas. O que ali faziam era que o atendimento começava às 15 e ia até onde fosse. Portanto, Às vezes havia pessoas que ligavam no dia e diziam que queriam ser atendidas e aceitavam, várias vezes foram os atendimentos que fizeram até às 21h, 21h30. Isso era público. -----

----- Há pouco tempo tinha ido ao programa de férias, justamente no dia tinha um atendimento de fregueses, justamente no dia em que fora ao Pólo Cultural às 18h falar com os pais. Nesse dia tinha um atendimento, estivera às 15h e depois ausentara-se às 18h para estar no Pólo Cultural. Portanto, isso também era a consequência de não terem limite de horas, não terem limite de inscrições. Quem quisesse inscrever, quem quisesse falar, desde que tivesse agenda disponível recebia até às 21h, 22h, o que fosse. Evidentemente, quando havia constrangimentos de agenda tinha que se ausentar. -----

----- Portanto, eram essas as questões, mas para além disso, para além dos atendimentos que faziam, iam começar também a ir à rua e dizer especificamente os sítios em que estariam com antecedência, para quem quisesse estar nesse dia, nessa hora, saber que iam passar por essa rua, para poder falar diretamente. O objetivo não era só o atendimento,

não era sequer que as pessoas fossem ter só com a Junta, mas também estar presentes na rua e dizer às pessoas com previsibilidade onde iam estar para que pudessem ir falar de todas as questões que surgiam.-----

----- **A Senhora Tesoureira do Executivo** disse que tinha estado presente sempre em todos os atendimentos desde o primeiro dia com o Senhor Presidente. Portanto, se por algum motivo ele não podia estar presente, ficava com uma assessora. Tinha estado sempre em todos os atendimentos. -----

----- **Vogal do Executivo Tiago Martins** disse que gostaria só de esclarecer algumas questões de higiene urbana, já que tantas dúvidas foram colocadas. Primeiro permitissem um aparte. O que diria o Bruno Santos das orientações de Executivo da Câmara Municipal relativamente às ausências permanentes e quase em todas as sessões, nas sessões da Assembleia Municipal? O que diria o Bruno Santos disso? O Presidente da Junta ia a todas as sessões da Assembleia de Freguesia, o Presidente da Câmara Municipal ia a algumas Assembleias para apresentar informação escrita e depois fugia da Assembleia Municipal. O que diria o Bruno Santos disso? Gostaria de saber. -----

----- Relativamente à questão dos trinta dias, recordava perfeitamente que na primeira sessão dessa Assembleia de Freguesia o Eleito Tiago Gonçalo disse mais ou menos uma coisa que o Eleito Bruno Santos disse agora e até tivera a oportunidade de ir ler aquilo que estava no programa eleitoral e na altura ficaram todos esclarecidos. Portanto, das duas uma, ou aceitavam isso como na altura aceitavam e portanto deixavam de estar sempre a alterar essa questão relativamente aos trinta dias, ou então afirmavam porque achavam que o plano não foi cumprido. -----

-----Relativamente à questão da higiene urbana estar pior, esse ano já fizeram um plano de lavagens, um plano de deservagens. Já entraram na segunda ronda de deservagens mecânicas. Fizeram um projeto experimental de aplicação de um produto que não era herbicida, que era uma espécie de desinfetante que tinha efeitos laterais que podia levar à redução da capacidade de crescimento das ervas e agora aquilo que estavam a avaliar era se conseguiam implementar essa medida como definitiva para, através dessa aplicação, reduzir a velocidade com que as ervas cresciam. No fundo estavam a falar de um plano de lavagens, um plano de deservagens já executado. Já estavam na segunda ronda de deservagens em toda a Freguesia. Iam iniciar um plano de lavagens, ruas que não eram lavadas há mais de cinco anos e que foram lavadas pela primeira vez. Eram avanços significativos. -----

----- Relativamente à questão de estar pior, da desorientação, na verdade os serviços da Junta de Freguesia, e aí tinha que se fazer um agradecimento aos trabalhadores e aos encarregados que se esforçavam para melhorar as coisas, a organização nunca foi tão boa. Nesse momento trabalhavam com escalas, ou seja, todos os meses fixavam as escalas dos trabalhadores que iam fazer as várias tarefas de higiene urbana e faziam planeamento de lavagens. Ou seja, as equipas de higiene urbana nesse momento sabiam o que iam fazer do ponto de vista de lavagens nos próximos dois meses. Mais do que isso, a equipa de higiene urbana deu uma grande resposta e aí com o apoio de outros operacionais, deu uma grande resposta na altura dos arraiais, com as zonas adjacentes a serem lavadas, algumas eram dia sim, dia não. Portanto, menorizar esse trabalho com base em coisas que eram do género de ter uma ideia do que era e depois também não apresentava, se sabia o que estava a correr mal na higiene urbana ganhavam todos em ser bastante claro e dizer o que estava mal. -----

----- **Membro Bruno Santos (PSD)** disse que relativamente ao Vogal Tiago ter dado o exemplo da Assembleia Municipal, era Membro da Assembleia de Freguesia de São Vicente e o Senhor era Vogal da Junta de Freguesia de São Vicente. Estavam a discutir problemas da Junta de Freguesia de São Vicente e só isso que lhe interessava. Quem

podia discutir coisas relacionadas com a Assembleia Municipal era o Senhor Presidente, que por inerência era deputado municipal. Ali tratariam de coisas da Junta de Freguesia de São Vicente. Portanto, esses exemplos da Câmara Municipal ali, para si não dava. Sabia que o Senhor gostava de se escudar na Câmara e tudo mais, mas ali era a Junta de Freguesia de São Vicente é só isso lhe interessava.-----

----- **Membro Michele Faro (PCP)** começou por dizer ao Eleito Bruno Santos que não eram 20, eram 26 os candidatos na lista. Portanto, não eram 20, eram 26. -----

----- Tinham algumas questões para o PAOD que gostavam de ver esclarecidas, algumas sabiam que não eram competência da Junta de Freguesia, mas o Senhor Presidente, enquanto representante lá fora e gostariam de perceber. -----

----- Balneários públicos na Freguesia de São Vicente, gostariam de tentar perceber se estavam a funcionar ou não, o que se estava a passar.-----

----- Lavandaria social, isso era uma saga que tinha muitos anos e gostariam de perceber se estava a ser utilizada, se estava a funcionar e se a sua divulgação aconteceu. -----

----- Depois, tinham levado ali com alguma regularidade a questão das obras na Escola Natália Correia. Todos sabiam que houve um prédio construído que danificou a escola da Freguesia, que os alunos foram realojados em contentores que não contentores de carga, mas escritórios e que supostamente regressariam no início do ano letivo. Percebiam que havia obras que estavam a ser feitas na escola, viram uns andaimes montados, também verificaram que o empreiteiro ficou de reparar os danos causados, no entanto, na informação que estava na fachada dizia que a obra era da Câmara Municipal. Ora, isso causava alguma estranheza, tendo em conta que se houve um dano provocado por um privado numa propriedade pública, pensariam que a reparação e o custo desse estrago ficasse a cargo do tal empreiteiro. Gostariam de perceber se havia alguma informação que o Senhor Presidente pudesse dar em relação a isso. Sabia que não eram coisas da sua responsabilidade, mas poderia ter informações que pudesse fazer chegar.

----- Relativamente ao Hotel Sana, o quartel, as informações também que tinham da intervenção da Junta de Freguesia nesse processo era pelas redes sociais e gostariam também que houvesse algum esclarecimento em relação a tudo isso.-----

----- Quartel de Sapadores, Freguesia de São Vicente, repararam também que houve umas demolições na lateral ao pé da paragem. Antes que isso se tornasse um novo Hotel Sana ali do quartel do Largo da Graça, gostariam de perceber se o Senhor Presidente tinha alguma informação relativamente a essas demolições que foram feitas e se sabia de alguma coisa que pudesse dar essa informação. -----

----- Situação dos concursos, o Senhor Presidente já informou que tinham avançado já para psicotécnicos e tudo mais. Gostaria de perceber se havia alguma noção temporal de quando estaria concluído esse concurso. -----

----- Bilheteira do Panteão Nacional, o impacto que causava na escola, gostariam também de perceber se o Senhor Presidente ou alguém do Executivo tinha informações relativamente a essa mega bilheteira que decidiram, nem sabia qualificar aquela obra por baixo de um recreio de uma escola que impossibilitou os alunos de poderem frequentar, as crianças da Freguesia, de frequentar o recreio. -----

----- Obras na piscina, achavam que aquela piscina estava a lançar-se para, quando falavam das obras de Santa Engrácia, que aquilo fosse a nova referência de obras de Santa Engrácia. Era importante perceber se havia novidades em relação à piscina e quando estaria novamente aberta e ao serviço da população e que tanta falta fazia, tanto para os jovens da Freguesia como para a malta mais velha que precisava urgentemente voltar à sua atividade regular de hidroginástica e tudo mais. -----

----- Depois, pavilhão de Sapadores, Manuel Castelo Branco, intervenções, na altura do inverno sabiam que houve bastantes infiltrações e que havia água e que havia alguma

dificuldade ali para a malta poder fazer e praticar o desporto. Perceber, agora que o tempo estava seco, quais eram as previsões de intervenções ali no pavilhão que permitissem quer o Maria Pia, quer o Clube Desportivo da Graça, poderem exercer e fazer a sua atividade, a quem agradeciam muito a dedicação também para a prática do desporto ali na Freguesia. Portanto, tinham que estar ao lado deles e criar e dar as condições ao movimento associativo para a prática do desporto. -----

----- O Centro na Justiniano Padrel, saber se tinham alguma informação que também pudessem fazer chegar. -----

----- Falar também ali de uma questão do policiamento comunitário e de proximidade. Repararam há um tempo que andavam aí uns agentes a circular na Freguesia, há cerca de três ou quatro meses mais ou menos e até falavam com a população e abordavam os idosos, eram da esquadra ali, a que os servia ali ao pé do Lidl na Penha de França, portanto a esquadra que lhes pertencia e deixaram de ter essa perceção de agentes a circular. Não sabia se foi uma ação concertada e que pretendia ser de policiamento de proximidade, mas que deixou de acontecer e gostariam de tentar perceber se havia algum tipo de informação em relação a isso. -----

----- Depois, lembrar ali uma situação. Muitas horas foram faladas nessa Assembleia de Freguesia relativamente a um parque infantil inclusivo, orçamento participativo 2018-2019. Houve guerras entre se iria para a Penha de França, para o Forte de Santa Apolónia, se ia ali para a Freguesia de São Vicente. Perguntava ao Senhor Presidente se havia novidades desse processo, desse parque infantil inclusivo que mobilizou toda a população de São Vicente para o levar para a Freguesia. -----

----- Parque infantil Justiniano Padrel, o que estava pensado ali para aquela zona? Obras ou reparações ou meter aquele parque de forma a que fosse digno para as crianças poderem frequentar. -----

----- Última questão. Foi amplamente difundido pela comunicação social e por toda a Freguesia que iriam ter o encerramento da estação de Santa Apolónia, do metro, durante seis meses. Ora, isso deveria ter acontecido no final de dezembro e não aconteceu. ----

----- O que se passaria para isso não ter avançado? Em que estado estava a obra para que isso não tivesse acontecido e se ainda ia acontecer. Acontecendo, se havia um trabalho feito junto da Carris para que se pudesse escoar os utilizadores da Freguesia do metro para fora da Freguesia. -----

----- **O Senhor Presidente da Junta** disse que podia começar pela última, já que era fresca, porque tinha estado nesse dia com o Presidente da Carris e falara com ele relativamente à questão do encerramento da estação de Santa Apolónia. Já tinha falado antes sobre esse encerramento. -----

----- Relativamente às obras do PGDL, estavam atrasadas, mas acreditava que o encerramento da estação seria agora em julho, eventualmente seria o encerramento. O que falara com o Presidente da Carris foi no sentido de perceber se haveria um reforço das carreiras e já garantiu que haveria um reforço das carreiras 728 e 759, que eram as carreiras que precisavam para um interface que era Santa Apolónia. Portanto, o objetivo era que essas carreiras de interface fossem reforçadas para fazer face à demanda que existiria de fregueses e não só que não iam ter acesso à estação de Santa Apolónia. Essa questão já foi salvaguardada na segunda reunião que tiveram com a Carris sobre esse assunto e também perceber como haveria outras carreiras de bairro, como poderia ser possível terem mais carreiras de bairro. Isso também foi uma das questões que foram aprofundando e que também já tinha referido numa outra reunião. -----

----- Relativamente ao parque infantil da Justiniano Padrel, tinham um projeto para o parque infantil, esse projeto fazia parte do CDC do anterior mandato que era o CDC de investimento. O CDC de investimento do anterior mandato estava à espera nesse

momento de validação pelo Vice-Presidente, que era no fundo a pessoa que tinha a parte das finanças, estavam dependentes dessa validação para poder ter acesso ao financiamento, sendo que estavam apertados porque em princípio a obra tinha que estar concluída em 31 de dezembro de 2026. Portanto, continuavam a aguardar e voltariam a reforçar junto da Câmara a necessidade de ter essas verbas o quanto antes. Veriam se ainda era possível fazer a obra, mas nesse momento essa era a situação relativamente ao parque infantil da Justiniano Padrel. -----

----- Relativamente ao parque infantil inclusivo, logo no início do mandato tiveram uma reunião com o Vice-Presidente, que era o Vereador que também tinha todas as questões dos orçamentos participativos. Foi-lhes dito que essa era uma grande preocupação que existia nesse momento, porque havia muitos orçamentos participativos que não foram concluídos e que os valores do orçamento participativo, quando ganharam era um e agora muitos deles triplicaram de valor com a inflação, com os anos. Portanto, muitos dos orçamentos participativos estavam a ser reavaliados, na perspectiva de se perceber o que era ainda exequível ou não. -----

----- Um orçamento participativo que eventualmente era de 50 mil euros num ano, ou 30 mil euros num ano, passados cinco ou seis anos, e, portanto, se multiplicassem esses orçamentos participativos por vários orçamentos participativos que não foram concluídos ao longo dos anos tornava-se quase um buraco sério. Sabia que a Câmara estava a reavaliar todos esses processos para perceber o que era exequível ainda fazer ou não, o que ainda estava dentro da possibilidade e, portanto, acreditava que o parque infantil também, pelo menos o que foi dito na altura, que também estava a ser reavaliado para perceber quais eram realmente os valores em causa. -----

----- Depois também ia deixar ali a Vogal Ana Alves falar. Aproveitava para dar as melhoras à Vogal Erica, que não conseguiu estar presente por problemas de saúde, mas dava-lhe também as melhoras e que dentro de em breve voltasse ali para poderem também debater esses assuntos. -----

----- Relativamente ao policiamento comunitário, duas coisas. Por um lado, falaram com a Polícia Municipal para se comprometer, que se comprometeu no fundo, mas não sabiam quando ainda, a ter aquilo que era a polícia comunitária, que era um projeto da Polícia Municipal e que já estava implementado em dez ou nove Freguesias da Cidade de Lisboa. Agora estavam à espera que a próxima Freguesia seria ali no Vale de Alcântara, Quinta da Cabrinha, que teria policiamento comunitário, eram dois polícias preparados especificamente para essas questões, mas que nada tinham a ver com a questão da PSP, era mesmo Polícia Municipal. -----

----- Estava também previsto que tivessem esse policiamento comunitário, não foram dadas as datas, estavam na pipeline, como outras Freguesias estavam, estavam todos. Uma das coisas que estava a acontecer relativamente à PSP era que tinham a unidade móvel, que era um carro que de X em X tempos estava na Freguesia, fosse no Largo da Graça, fosse no Panteão Nacional, para que as pessoas que quisessem ou que tivessem necessidade de fazer alguma queixa, que tinham alguma questão, pudessem rapidamente deslocar-se a essa unidade móvel para falar com os agentes da PSP. Esse caminho estava feito, tinham estado sempre em diálogo com a PSP também para reforçar os laços, tinham estado a fazer essa articulação. -----

----- **A Senhora Tesoureira do Executivo** disse que era só para concluir essa questão do policiamento de proximidade, no âmbito do projeto Radar, que era um projeto da Santa Casa da Misericórdia e que intervinha em muitas Freguesias e que tinha um peso muito grande na Freguesia, num trabalho muito de proximidade não só através das técnicas de ação social, mas tinham também essa questão da polícia de proximidade e que iam à casa das pessoas, iam fazendo muitas ações de sensibilização, nomeadamente no projeto do

alerta para burlas, para uma série de situações, iam à casa das pessoas e todas essas pessoas estavam sinalizadas através até de uma linha telefónica e, portanto, havia muito essa proximidade. Também, além de estarem com as técnicas do Radar e as da Junta faziam muito trabalho sozinhos, era exatamente essa proximidade e as pessoas conheciam. -----

----- Já pudera ver isso porque eles foram fazer uma ação de formação no espaço convívio, eles conheciam quase todos os fregueses que estavam lá, exatamente pelo trabalho que faziam. -----

----- Relativamente à lavandaria social, a lavandaria social arrancou, mas logo a seguir vieram os vendavais e as intempéries e entrou muita água no espaço, o que obrigou a cancelar tudo e esperar que fosse arranjado não só a parte elétrica, porque ficou muito danificada, como também a estrutura do local onde estavam. Posteriormente a esse arranjo tiveram que pedir um orçamento para arranjar as máquinas porque também danificaram as máquinas. -----

----- Já estava tudo tratado e tudo a funcionar. As pessoas que se tinham inscrito já foram contactadas e também estava a ser preparada uma divulgação para informar novamente as pessoas que já estava a funcionar, para irem e inscrever-se, assim como também estavam a ser contactados fregueses que eram acompanhados na ação social, no sentido de ver se precisavam ou não. Em breve estaria na rua uma nova campanha de divulgação e estava a funcionar em pleno, felizmente. -----

----- **O Senhor Presidente da Junta** disse que sobre o Centro Justiniano Padrel não tinha muitas novidades. Pelo que percebera, já arrancou com algumas pessoas, mas ainda não tinha ido ver e não tinha a certeza disso. Não queria estar a dar informação que depois não fosse verosímil. Sabia que ia haver eventualmente uma inauguração, também não tinha sido pelo menos formalmente convidado e, portanto, não sabia de muito mais pormenores do que aqueles que tinham sido dados na altura. Sabia que ia haver agora também uma manifestação, no dia seguinte às 18 horas, não fora informado. Se o Presidente de Junta não soubesse que estava uma manifestação na sua Freguesia, aí estava complicado. -----

----- Basicamente tinha sabido dessa informação, também nos meios de comunicação social falara sobre o assunto quando foi perguntado pelos jornalistas, dizendo aquilo que também já tinha dito ali na Assembleia, que era muito simples, estavam a falar de um espaço que na sua perspetiva não tinha propriamente as melhores condições, por ser numa garagem, numa rua sem saída. Isso tudo já foi um tema que falaram na altura, já tinha dito mais ou menos qual era a sua perspetiva, também não era preciso agora estar ali e respeitando também a questão do pedido de síntese estar a repetir. -----

----- Relativamente ao pavilhão de Sapadores e intervenções a fazer, isso era uma questão que também voltaram a falar na altura com o Vereador Vasco Moreira Rato, que era no fundo a pessoa que tinha os equipamentos. Tinham que voltar a insistir, porque eventualmente a serem inundações e coisas muito específicas, provavelmente necessitaria depois de outro tipo de requalificações que podiam entrar eventualmente num orçamento, num CDC da Junta de Freguesia para o próximo mandato, ou então, dependendo dos valores, que poderiam fazer também uma análise para averiguar quais eram, poderiam eventualmente fazer algumas pequenas reparações. -----

----- Isso eram questões estruturais e mais uma vez os equipamentos. Já tinham estado a falar também um bocadinho sobre essas questões dos pavilhões, muitas vezes estarem autonomizados daquilo que eram os equipamentos escolares, uma coisa que só em Lisboa acontecia, que eram delegados às Juntas de Freguesia, mas essa parte estrutural continuava a ser da Câmara e depois gerava-se ali muitas complicações com a própria degradação natural dos equipamentos. Portanto, isso era o mesmo caso e o que fazia

sentido era no futuro, quando pensassem na cidade, pensarem em ter equipamentos desportivos sempre nas escolas para que houvesse essa avaliação integrada de todos os equipamentos que tinham na Freguesia e não só, na cidade também.-----

----- Relativamente às obras na piscina era a mesma questão, continuavam a aguardar que houvesse por parte do engenheiro da parte da maquinaria fazer a avaliação. Sabiam que as obras nesse momento, e tinha essa consciência, seriam bastante caras e esperavam que houvesse essa aposta naquilo que para si parecia ser um equipamento muito importante para os fregueses e que tinha uma grande utilização por parte da comunidade sénior. Portanto, iriam continuar a acompanhar esse assunto de perto para conseguirem rapidamente que esse equipamento tivesse a devida requalificação.-----

----- Quanto à bilheteira do Panteão Nacional, as informações eram as mesmas que tinham na altura, estavam as obras a decorrer, em princípio concluíam-se no mês de agosto, não sabia se havia propriamente atrasos, pelo menos não fora informado se havia ou não, acreditava que estivessem a decorrer com normalidade as obras. Sabiam de todos os constrangimentos que isso gerou na comunidade escolar, também a Junta de Freguesia já teve oportunidade de se posicionar relativamente a esse assunto, a posição política já foi dada. Não tinha novos dados para dar porque não foi comunicada mais nenhuma informação, as informações que tinham na altura eram as mesmas que tinham agora.--

----- Quanto ao concurso público, não sabia quando seriam as datas, porque agora faltavam os exames psicotécnicos, depois não sabia se havia mais alguma fase. A primeira coisa que fizeram quando chegaram foi tentar acelerar o procedimento, tudo o resto não estava nas suas mãos, mas queriam isso e de certeza que não demoraria um mandado. Portanto, isso tinham a certeza, que iam logo que possível terminar todo esse procedimento.-----

----- As demolições ao lado do mercado, não tinha a certeza, não tinham comunicação nenhuma, mas não tinha a certeza que isso realmente fosse da área geográfica. Tinha que confirmar essa parte porque não disseram rigorosamente nada e, portanto, perceber também essa questão.-----

----- Quartel Sana, não tinha percebido muito bem. Aquilo que a Junta fez foi a questão da intimação judicial, enviaram dois e-mails à ESTAMO com o pedido de informação de quem era o gestor do contrato, se existia ou não um cumprimento ou não do contrato por parte do Grupo Sana. Não obtiveram resposta, no segundo e-mail disseram que se não houvesse a devida resposta haveria uma intimação judicial para terem acesso à documentação e nesse momento era essa a fase que estavam. Estava a decorrer a intimação judicial, que era um processo urgente, a tramitação era urgente no Tribunal Administrativo e, portanto, logo que tivessem mais informação sobre esse procedimento também fariam questão de fazer chegar o mais rápido possível, mas de momento era esse o procedimento. Estavam à espera que houvesse esse pronunciamento e que finalmente conseguissem aceder à informação.-----

----- Obras na escola Natália Correia, o dono da obra era a Câmara, não deixava de ser a Câmara na escola, mas tinham um intermediário, que era no fundo o empreiteiro da outra obra, que fez as obras, não de melhorias daquilo que tinha sido degradado e que, entretanto, a Câmara deu como concluída e agora estavam a fazer pequenas obras. A própria Câmara estava a fazer pequenas obras de melhoria na escola.-----

----- A informação que tinham era que pelo menos até à terceira semana de agosto, até ao final das férias escolares, não haveria nenhuma alteração do que existia nesse momento. Ou seja, as crianças iam continuar nos monoblocos, mas no próximo ano letivo era para voltarem à escola. Iriam, enquanto Junta de Freguesia, continuar a acompanhar todo o processo e logo que possível também tentar visitar a escola e perceber como estava todo o processo de melhoria que foi feito não só pela Câmara, mas também pelo empreiteiro.

Logo que tivessem essa possibilidade fariam também esse acompanhamento para perceber se as crianças quando voltassem à escola tinham condições para poderem aprender com alguma qualidade que também mereciam. -----

----- A segurança, dependia do que consideravam segurança, porque a Proteção Civil já descartou haver problemas estruturais de segurança, mas evidentemente não era só uma questão de problemas estruturais de segurança. Não acreditava que as crianças voltariam se houvesse problemas estruturais, mas no fundo não era só isso, tinham que garantir que para além desses problemas a escola tinha realmente condições para que no dia-a-dia houvesse a qualidade expectável no contexto escolar. -----

----- Relativamente à lavandaria já foi respondido. -----

----- **Vogal do Executivo Tiago Martins** disse que tinham um problema no balneário da Graça que estavam a tentar resolver o mais rapidamente possível para que aquilo pudesse estar disponível para os fregueses com as melhores condições, basicamente era isso. Nesse momento não, mas pensava que na próxima vez que se encontrassem ali que já teria melhores notícias. -----

----- **Membro Daniel Carapau (BE)** disse que o primeiro assunto era que receberam um um contacto do morador da Rua da Senhora da Glória por causa da questão da chaminé, que causava vários problemas de saúde. Seria um problema que ali todos conheciam, visto que já durava há bastante tempo, mas lá para casa, para quem não sabia, foi transmitido que as pessoas já chegavam ao ponto de não conseguir abrir as janelas por causa dessa questão e que existiam vários tipos de sintomas respiratórios. -----

----- Além disso, as pessoas já fizeram várias queixas à Câmara de Lisboa e diziam que ainda não conseguiram que houvesse uma inspeção no período em que a chaminé estava a funcionar, que era quando realmente importava que houvesse essa inspeção. Então, era para dar oportunidade ao Executivo de dar ali nota das diligências em relação a essa questão. -----

----- Depois, já que foi abordada a questão do quartel, com a Vereadora do Bloco de Esquerda na Câmara Municipal e os Deputados Municipais tomaram também uma iniciativa de pedir o acesso à documentação relativa à concessão, não uma ação idêntica à da Junta, obviamente, mas ao abrigo da Lei de acesso aos documentos administrativos e dirigida ao Ministério das Finanças. Ainda estava a decorrer o período durante o qual o Ministério das Finanças deveria responder, veriam se respondia ou não, esperavam que sim. Entretanto, já saíram as notícias de que existia uma dívida de vários milhões de euros, mais de quatro milhões de euros, o que denotava uma desigualdade flagrante entre quem tinha rendas de casa para pagar e nunca podia falhar com o seu pagamento, mas um grupo económico podia pedir uma reestruturação e isso era suficiente para deixar de pagar as obrigações que o contrato determinava. Realmente, era muito difícil de perceber esta situação. -----

----- Por fim, não podia deixar de comentar a questão da higiene urbana. Já foi ali assinalado, mas convinha não deturpar o que estava no programa da coligação, que foi construído pelos partidos que compunham a coligação. Ia ler ali, porque essa discussão já foi feita noutra Assembleia, mas era por causa de haver alguém em casa que não assistiu à Assembleia onde isso foi discutido e ia ler o que estava no programa e ficara agora sem bateria, mas o que estava lá era elaborar um plano no prazo de trinta dias. --

----- Sobretudo queria assinalar que a pergunta que foi feita sobre o que sustentava a afirmação de que a situação estava pior não foi respondida. Achava muito difícil de sustentar um tal tipo de afirmação. Por exemplo, a questão das ervas, que até deu origem a um vídeo bastante engraçado por parte do PCP na última campanha, havia que reconhecer que atualmente não teria lugar.-----

----- **O Senhor Presidente da Junta** disse que a questão da chaminé realmente era um problema gravíssimo que havia e que já na altura da campanha tinham sido contactados. Realmente houve a inspeção da polícia ambiental, que foi feita num período em que não foi possível fazer essa fiscalização. Já enviaram à Câmara a necessidade de voltar a fazer, o mais recentemente que enviaram foi dia 23 de junho ao Vereador Vasco Anjos e ao Vereador Vasco Rato sobre a questão, dando conhecimento e perguntando se poderiam então tomar as devidas diligências para que conseguissem ter essa avaliação, que era importantíssima para perceber se esse problema se resolvia o quanto antes. -----

----- Continuariam a fazer as devidas diligências para conseguir garantir que havia a devida avaliação e que se percebesse rapidamente se havia um problema de saúde e que se resolvesse, porque não podiam continuar com uma situação dessas. -----

----- **Membro Sílvia Ferreira (PS)** disse que por vezes era necessário responder com alguns dados e não podiam deixar só passar algumas intervenções retóricas. Em democracia ninguém caía, em democracia as pessoas suspendiam os seus mandatos, tinham situações na sua vida que as impediam às vezes de cumprir os seus compromissos. No seu próprio caso já tinha faltado a uma Assembleia de Freguesia por motivos profissionais, porque não estava no país e a verdade era que as substituições não seriam feitas com os dias de antecedência que a lei obrigava. Muitas vezes eram feitas no próprio dia, perguntar à pessoa se estava disponível para à noite poder estar numa Assembleia de Freguesia em determinado horário. Portanto, as pessoas tinham a sua vida, não estavam a abdicar do seu compromisso de estar na lista ou de cidadãos, tinham algumas questões das suas vidas pessoais que podiam pôr em causa a sua participação devida. Em todo o caso, agradecia ao Executivo e à Mesa o cumprimento de todos os atos e de garantir que estavam todos os lugares preenchidos na Mesa da Assembleia. -----

----- Queria também agradecer ao Executivo e, daquilo que se ouviu ali, a prestação de contas e o esclarecimento de todos os pontos. Achava que às vezes a questão era a forma como comunicavam e, se calhar, o Executivo até podia comunicar mais aquilo tudo o que fazia, porque às vezes era acusado de coisas que não estava a fazer, mas que estava a fazer. -----

----- A maioria dos pontos ali colocados dependia até da intervenção da Câmara Municipal. Portanto, era uma gestão que sabiam difícil e que era política e isso não seria de escamotear. Agradecia essa prestação de esclarecimentos e de contas e deixar a sugestão de uma boa comunicação. Às vezes também comunicar, isso não estava a acontecer, mas houve uma reunião. Não foi possível resolver, mas tiveram um agendamento marcado e não os receberam. Essas informações, às vezes também era preciso passar para que depois não houvesse algum burburinho e ruído de fundo sobre a boa gestão e execução do Executivo. -----

----- **Membro Isabel Cirne (PS)** disse que era sénior da Freguesia e era só sobre os problemas dos seniores. Achava que podia haver uma marcha sénior para mais entretenimento dos seniores, que foi acolhido com agrado. -----

----- Outra preocupação que tinham, não só os seniores, mas todos os fregueses, eram os carros estacionados *ad eternum*, o que dificultava o estacionamento para todos os fregueses. -----

----- A Praia-Campo nesse ano foi mais racionada, mas já percebera os problemas que foram evocando. -----

----- Na Rua da Cruz de Santa Apolónia também foi evocado que no número 19 estavam lá uns sem-abrigo e que dava mau cheiro e má convivência com até alojamentos locais que lá existiam. -----

----- Outra coisa que lhe foi pedido foi um possível corrimão ou outra solução para melhores acessos na Calçada do Forte. -----

----- **O Senhor Presidente da Junta** disse que relativamente à questão do estacionamento, acreditava que conseguiram resolver parcialmente o problema, pelo menos da Justiniano Padrel, que era um problema que também já tinham há anos de estacionamento abusivo. Isso tudo envolvia muitas vezes não só a articulação da Junta com a Câmara, mas a própria articulação dos vários serviços da Câmara. -----

----- Relativamente à questão do estacionamento abusivo, tinham muitas vezes a articulação entre a EMEL e a Polícia Municipal, que tinham ambas que fazer operações conjuntas para esses casos. Muitas vezes o que acontecia era que ambas acabavam por ter maior dificuldade nessa articulação, a Junta com eles. Portanto, isso era sempre um processo de articulação. Conseguiram fazê-lo para a Justiniano Padrel, tinha a certeza que ao longo do mandato iam conseguir fazer para muitos outros sítios. -----

----- Já notava a presença da EMEL em muitos sítios na Freguesia onde havia estacionamento abusivo, no sentido de carros que estavam estacionados, não só mal estacionados, mas estacionados durante muitos dias ou durante muitos meses. Já percebera que tinha havido uma intensificação também da regularidade da fiscalização desses casos em concreto, mas depois essas grandes operações que precisavam, eventualmente até ali na Rua Washington e em outros sítios, eram operações que tinham que ter entre a EMEL e a Polícia Municipal e que iriam ter que, ao longo desse mandato, articular para conseguir resolver essas questões. -----

----- Relativamente à Rua da Cruz de Santa Apolónia, mais uma outra questão que também não era de fácil resolução porque não dependia só da Junta de Freguesia, dependia da questão da PSP, eventualmente da própria Polícia Municipal, porque não bastava só chegar e despejar eventualmente essas pessoas que lá estavam, era necessário perceber quais as respostas sociais que se podiam dar. -----

----- Percebiam evidentemente essa necessidade de ter respostas sociais e nesse caso em concreto era mais um exemplo de uma resposta social que teria que ser dada e da articulação que tinha que ser feita antes de haver uma operação de despejo, ou o que fosse nesse edifício. -----

----- Quanto ao corrimão da Calçada do Forte, já tinha falado sobre isso. Iam rapidamente perceber quando conseguiam agilizar o processo para ter, então, o corrimão para melhorar a acessibilidade não só dos seniores, mas de todos os fregueses. -----

----- **Membro Daniel Adrião (MEFSV)** disse que em primeiro lugar queria congratular com o facto de ter regressado essa Assembleia à normalidade democrática. Isso era algo que queria ali sublinhar, porque era muito importante. Houve perturbações muito graves nas últimas duas sessões da Assembleia de Freguesia, que obrigaram inclusivamente à interrupção dos próprios trabalhos da Assembleia de Freguesia e, portanto, achava que isso era um entorço ao funcionamento da democracia que não se deveria voltar a repetir. Como também não se deveria voltar a repetir as interrupções que eram feitas da transmissão dessa Assembleia quando esse tipo de incidentes ocorria, porque isso era muito grave. -----

----- Tentar por alguma via ocultar e não deixar testemunho documental de situações de total falta de normalidade que ocorriam na Assembleia era um ato grave e, portanto, solicitava que futuramente, esperava que isso não voltasse a acontecer nessa Assembleia, mas se voltasse a ocorrer essas situações tinham que ficar gravadas, porque serviam de testemunha para ações que pudessem necessitar de ser interpostas. -----

----- Portanto, queria em primeiro lugar congratular-se com o facto de a normalidade ter regressado a essa Assembleia. Achava que em democracia os órgãos eram para respeitar e esse órgão não foi respeitado e os Membros desse órgão não foram respeitados. Houve verdadeiramente interferências abusivas que impediram a continuidade dos trabalhos

dessa Assembleia. Tiveram que ser interrompidas duas vezes e isso era uma situação muito grave e que esperava que não se voltasse a repetir. -----

----- Também estranhara a total ausência de incómodo por parte dos outros Membros da Assembleia relativamente a essas circunstâncias que foram verdadeiramente lamentáveis.

----- Entrando nas questões que tinham a ver com a presente reunião, foi colocado pela Eleita Michele relativamente a um conjunto de questões, e muito bem, que preocupavam as pessoas dessa Freguesia e relativamente a isso o que o Executivo respondeu foi na maioria dos casos que não sabia de nada. Não sabia nada das obras na Escola Natália Correia. Aliás, aquilo que o Senhor Presidente ali dizia contrariava inclusivamente uma afirmação que fez numa Assembleia anterior, onde disse que a Câmara não pretendia reabrir a Escola Natália Correia. Estava gravado e era só ir à gravação para ver, que não podia fazer nada porque era uma decisão da Câmara. Portanto, contrariava em absoluto aquilo que ali tinha dito anteriormente. -----

----- Relativamente ao Quartel de Sapadores, era surpreendente o que ali ouviram. Quando questionado sobre as obras que estavam a decorrer junto ao Quartel de Sapadores, dizia que nem sabia se o Quartel de Sapadores estava na Freguesia de São Vicente, até questionava se o Quartel de Sapadores estava na Freguesia. Estava documentado, aliás, uma planta da Freguesia que foi publicada pelo anterior Executivo, onde eram claros os limites da Freguesia. Portanto, o Quartel de Sapadores estava dentro da Freguesia de São Vicente, de acordo com a própria publicação da Junta, a não ser que de facto já não fosse parte da Freguesia de São Vicente, que tivesse havido uma alteração aos limites da Freguesia feita pelas costas e à surrelfa. Isso era preciso absolutamente esclarecer e nem queria acreditar nisso, mas era uma questão fundamental ser esclarecida.

----- O Senhor Presidente também não sabia nada sobre os concursos da própria Junta de Freguesia para a contratação de pessoal. Não sabia timings, não sabia fases, não sabia dizer quando, não sabia dizer qual era a previsão, não sabia dizer nada. Concursos que se arrastavam há anos e não havia qualquer informação sobre isso. -----

----- Também não sabia nada sobre as obras da bilheteira do Panteão Nacional, que provocaram enormes transtornos. Tinha a maior consideração pelo Diretor do Panteão Nacional, uma pessoa absolutamente estimadíssima, um Senhor, um ex-Presidente de Câmara que era de facto um senhor, o Santiago Macias, mas essa falta de informação sobre se realmente as obras terminavam antes do início do ano letivo era uma coisa de bradar aos céus. -----

----- Também não sabia nada relativamente às piscinas, uma bandeira eleitoral da coligação que foi, no fundo, múltiplas vezes propagada e propagandeada. Não havia nenhuma informação sobre as obras nas piscinas, a não ser que as obras eram muito caras, mas muito caras era uma coisa muito abstrata. Qual era o valor? Havia uma previsão? Havia um orçamento? Sabia-se qual era a ordem de valores que podia de facto representar aquela obra? O que tinha feito a Junta de Freguesia para acompanhar esse processo e para garantir que, efetivamente, esse equipamento regressava e era colocado ao serviço da população de São Vicente? -----

----- Também não sabia nada relativamente ao pavilhão Manuel Castelo Branco, sabia que precisava de obras, mas havia condições para as fazer? Que tipo de obras eram? Quem as ia fazer? Era a Câmara? Se houvesse lá umas coisas menores a própria Junta se podia substituir à Câmara e fazer, mas era tudo no ar. -----

----- Também não havia respostas, não se sabia nada relativamente ao centro da Justiniano Padrel, para além daquilo que declarava na comunicação social, aí calculava que sabia o que disse e o que disse foi que estava solidário com os moradores. Coisa que não dizia ali. Portanto, não se percebia qual era a posição da Junta de Freguesia relativamente ao centro de acolhimento de sem-abrigo que estava a ser desenvolvido naquele espaço. --

----- Antes de exercer essas funções interessara-se sempre, desde o início, por aquela situação porque tinha sido alertado pelos moradores ali e procurara informar-se. Tinha falado com o Senhor Presidente da Câmara sobre essa situação e por acaso na circunstância o Senhor Presidente da Câmara estava acompanhado do Senhor Presidente da Gebalis e, portanto, tivera oportunidade de falar com o Senhor Presidente da Gebalis. Na altura os rumores que corriam era que aquilo seria, vulgo, uma sala de chuto e o que o Senhor Presidente da Gebalis disse na altura era que podia confirmar que não seria uma sala de chuto. -----

----- Efetivamente, até ver não era. Portanto, era um centro temporário de recolha de sem-abrigo, mas tudo isso era feito mais uma vez nas costas das pessoas, sem ouvir a comunidade, sem ouvir os moradores, sem uma preparação desse tipo de abordagens que eram fundamentais serem feitas em diálogo e de forma aberta e não às escondidas, porque era isso que revoltava as pessoas muitas vezes, era tudo isso ser feito de uma forma pouco transparente. -----

----- O Senhor Presidente também não sabia nada sobre o parque infantil inclusivo. Não sabia se havia dinheiro para o fazer, não sabia se a verba que estava cabimentada efetivamente era suficiente ou não para fazer o parque.-----

----- Também não sabia, quer dizer, tinha uma ideia de que de facto a estação de Santa Apolónia, em princípio, encerraria a partir de julho, que era daí a dois dias. -----

----- Portanto, era tudo coisas ditas de uma forma muito vaga, com muito poucos dados objetivos e revelava realmente que a Junta de Freguesia... mesmo quando não eram competências diretas da Junta, tudo o que se passava no território da Junta de Freguesia respeitava à Junta de Freguesia e respeitava ao Executivo e respeitava a todos, inclusivamente como eleitos. Era uma competência, mesmo que não fosse competência direta, administrativa, orçamental, mas era uma competência que estava na Lei, tudo o que estava na Freguesia e no território e a Assembleia e o Executivo tinham uma palavra a dizer. -----

----- Deixara para último outra questão absolutamente fundamental, que tinha a ver com a questão do Hotel Sana. O Senhor Presidente ameaçou nos jornais com uma providência cautelar, coisa que ali também não teve a coragem de ir dizer. Era o que estava na notícia do Público, designadamente da Lusa, achava que era da Lusa e depois foi replicada por vários jornais. Portanto, disse que a Junta de Freguesia ainda tinha a intenção de no fim, caso se confirmassem as suas suspeitas de que o contrato tinha sido violado, apresentar uma providência cautelar para, pura e simplesmente, parar as obras de construção do hotel. -----

----- Achava que isso era uma posição grave porque, na verdade, qual era a alternativa? A Junta de Freguesia tinha alguma alternativa credível? Estudada? Documentada? Para efetivamente ser ocupado aquele espaço? O Executivo tinha? Era importante que fosse conhecido qual a alternativa. Só se podia ter a veleidade de parar uma obra que estava em curso, independentemente de se poder questionar se o processo era linear ou não, se efetivamente havia situações menos regulares. Isso tudo bem, achava que isso se devia questionar, isso fazia parte do funcionamento do Estado de Direito e preservava muito o Estado de Direito. -----

----- Ao contrário de outras instâncias, preservava muito o Estado de Direito, mas não se podia ter o nível de irresponsabilidade de anunciar uma providência cautelar quando não se tinha qualquer alternativa, quando nunca se lutou por nenhuma outra solução com pés e cabeça, estruturada, com um plano, com um projeto. Não era “bocas”, o país não se construía com “bocas”, o país construía-se com projetos sólidos, robustos e criando as condições para que eles se pudessem efetivamente transformar em realidade. Não era em ficção, era em realidade e para isso havia uma componente fundamental que o Executivo

esquecia constantemente, que era de onde saia o dinheiro. Já iriam ter oportunidade de falar disso mais à frente, era preciso fazer contas e garantir que, de facto, havia condições de financiamento para aquilo que se propunha. -----

----- Ainda queria falar numa outra questão, também não foi elencada anteriormente, mas que era muito grave, a situação da Rua do Sol à Graça. Era uma rua que estava fechada há nove meses, faria no próximo dia 3 de julho nove longos meses que a rua estava fechada e as perspectivas eram que continuasse fechada. Havia um estaleiro que foi colocado no meio da estrada e, portanto, isso era uma coisa inimaginável. Como era possível? Cada vez que houvesse um problema com um edifício, com um prédio na Cidade de Lisboa, se tivesse que fechar uma rua era um caos. Era porque o prédio precisava de obras que se fechava uma rua? -----

----- Aquilo ainda nem sequer as obras de reconstrução começaram. Estava a ser construído um bloco de dezenas de apartamentos na Rua da Verónica, pela SRU, a rua nunca esteve fechada. Podia ter sido desviado o trânsito numa circunstância ou outra porque era preciso haver manobra dos camiões para descarregar maquinaria, os guindastes, essas coisas. Isso sim houve, mas a rua nunca fechou. Como se compreendia que a Rua do Sol à Graça, que era uma rua estruturante em termos de fluidez do trânsito da Freguesia, estivesse encerrada há nove meses e a perspectiva era que estivesse encerrada muitos e muitos mais meses? Sobre isso também, não se ouvia uma palavra por parte do Executivo. -----

----- Portanto, era esse o retrato e o estado da arte dessa Freguesia. -----

----- **A Senhora Presidente da Assembleia em exercício** disse que convinha esclarecer que em Regimento, na verdade, o Executivo tinha um tempo limite durante a Assembleia para prestar justificações. Claro que era difícil para o Executivo não responder às questões que eram postas pelos eleitos. -----

----- Seguindo a ideia do Eleito Daniel Adrião, a Mesa partilhava a ideia que realmente o que se passou nas sessões anteriores da Assembleia foi muito grave. A Mesa tinha poucos recursos formais para lidar com situações dessas, além da suspensão dos trabalhos. ----

----- Dizia isso porque foi uma decisão que na altura, como estava em substituição, a transmissão foi interrompida, pareceu-lhe que não dignificava a Assembleia transmitir o que se estava a passar. De qualquer forma, não lhe parecia que a questão testemunhal, caso tivesse acontecido alguma coisa, tivesse problemas. Estavam todos ali, aliás, estavam dezenas e dezenas de pessoas ali. No entanto, acolhia essa crítica e seria, sem dúvida, ponderada e fazia votos para que uma situação dessas não voltasse a acontecer na Assembleia. -----

----- **O Senhor Presidente da Junta** disse que não tinham problema nenhum em ser sucintos. Aliás, se preferissem, até podiam ser ainda mais sucintos, mas achava que o objetivo ali era ser escrutinados e falarem também com algum detalhe e não fugir às questões e, portanto, era por isso que também pediam tempo, só mais por causa disso, porque também não tinham problema nenhum em ser sucintos, se fosse o caso. -----

----- Depois do show de demagogia, gostava de fazer algumas correções àquilo que foi dito relativamente ao centro de acolhimento da Justiniano Padrel. Havia uma recomendação que tinha lido, era o relator, na Assembleia Municipal. Podia todas as Assembleias Municipais ou todas as Assembleias de Freguesia, como fizera na Assembleia passada, dizer constantemente qual a posição do Executivo, não havia problema nenhum e podia voltar a repetir, se na Assembleia passada não ficou claro. -

----- Já se pronunciaram sobre o tema, tinham vindo a acompanhar o tema ao longo dos meses, foram às várias reuniões, aquelas que foram convocados pela Câmara e não só para fazer parte, disseram qual a posição e a posição era clara, estavam a falar de uma rua sem condições, debaixo de uma garagem de um bairro municipal. Já requisitaram o

plano funcional, não lhes foi dado e como tinha dito também aos meios de comunicação estavam completamente solidários com a população nas suas reivindicações de querer compatibilizar uma resposta social, mas uma resposta social que tivesse não só em consideração aquelas que eram as necessidades dessas pessoas em situação vulnerável, que compreendiam, mas também as pessoas que estavam em situação vulnerável vivendo no bairro municipal em questão e sobretudo num contexto muito específico que era a localização daquele equipamento. -----

----- Portanto, isso já foi veiculado várias vezes, podia desenvolver, mas também tinha outros pontos para falar. Uma das boas coisas que a comunicação social também tinha e os jornais era que aquilo estava lá dito podiam sempre ver, podiam sempre consultar, não havia afirmações nenhuma que dizia ali que refutassem as outras. Podia mudar de ideias, todos mudavam de ideias, mas o que estava nos artigos de jornal qualquer pessoa podia consultar. Portanto, também havia essa certeza naquilo que era o posicionamento político que a Junta tomava sobre os assuntos porque eram públicos, estavam nos jornais. Achava que isso sim era um ato de posicionamento claro, que podia evidentemente reiterar em Assembleia de Freguesia sempre que fosse perguntado, teria todo o gosto em todas as vezes que perguntassem voltar a repetir qual o posicionamento, mas o posicionamento podia ser encontrado, fosse nos artigos de jornal, fosse na recomendação que foi chumbada na Assembleia Municipal, fosse nos últimos posicionamentos das últimas Assembleias de Freguesia e sempre que necessitasse voltaria a reforçá-lo. -----

----- O mesmo na questão do hotel, que mais uma vez estava na comunicação social, também estava lá o que escreveram. Portanto, podiam tentar fazer as alterações que quisessem daquilo que estava escrito, mas estava escrito e uma coisa era muito clara, davam passos sérios relativamente a esse assunto, que era um assunto sério. -----

----- Uma providência cautelar não era nunca uma providência *per si*, era sempre necessária uma ação principal e evidentemente, após terem a informação que necessitavam para conseguir avaliar todo o assunto, tomariam as diligências que fossem necessárias, entre as quais a providência cautelar e outras. O posicionamento estava claro, estava público. Mais uma vez o posicionamento era fácil de ser veiculado, porque estava em vários órgãos e também aquilo que já escreveram nesses mesmos artigos relativamente àquilo que achavam que deveria ser a finalidade desse equipamento. Isso também estava escrito. Tudo aquilo que era o posicionamento relativamente a esse assunto seria possível ver. -----

----- Mais uma vez reiterava, como já tinha reiterado noutras Assembleias de Freguesia, aquilo que achavam que deveria ser a finalidade. Nesse momento o bairro não tinha equipamentos públicos que fizessem face às várias necessidades, entre as quais um equipamento desportivo para fazer face, para além do pavilhão Manuel Castelo Branco, que já não fazia de todo face a toda aquela procura que havia no bairro. -----

----- Era por isso que a Junta tinha o pavilhão apenas para as coletividades e para todas as associações que necessitassem do pavilhão, não havia nenhum momento em que a Junta reservava o pavilhão, como acontecia em outros pavilhões, para outro tipo de atividades, fosse para recolher receita. Não havia possibilidade, a demanda era tanta, isso poderia ser um bom caso. -----

----- Tinham a questão de um centro de dia que também fazia falta, poderia ser um outro equipamento que podia estar. Tinham a questão de um cineteatro, como já falaram, a questão do teatro em cada bairro, poderia ser um bom espaço para ter um teatro em cada bairro. Não tinham uma biblioteca na Freguesia, portanto havia vários equipamentos que para além de ser uma localização central poderiam estar naquele espaço e que nesse momento não estavam. -----

----- Para além da própria conservação do equipamento, que tinham dúvidas que tivesse sido feita nos termos que deveria ser feita, com a preservação de todos os museus desse convento. Portanto, todas essas questões iriam analisar, avaliar e a seu tempo tomar as decisões de forma séria que tinham que tomar, fossem essas ou outras, ou fosse reverter.

----- Acreditava e falava também pelos seus colegas, evidentemente eles também poderiam falar por si, mas nesse sentido a honestidade e a frontalidade era clara. Por exemplo na questão da bilheteira do Panteão, contactara o Vereador para perceber a situação, perceber quando as obras terminariam, perceber se queria fazer uma consulta pública e o que disse, estava gravado, era que de momento a informação que foi veiculada foi que em agosto as obras terminariam. Se estavam atrasadas ou não, não sabia. Sabiam que havia sempre derrapagens em obras dessas, muitas dessas obras tiveram derrapagens, fossem elas quais fossem. -----

----- A mesma coisa relativamente à Rua do Sol à Graça, uma situação que infelizmente não era só uma questão da Junta, nem sequer da Câmara. Ou seja, estavam a falar de privados, estavam a falar de seguros e que de forma séria avaliavam esses assuntos. A forma séria era perceber que isso não era um assunto que se ia resolver em dois dias, percebiam isso, não valia a pena ir para ali fazer declarações e era essa a posição, declarações que percebiam que claramente não era apenas um assunto sequer da Câmara Municipal, era um assunto que envolvia vários atores económicos e que realmente ia demorar algum tempo para ser resolvido. -----

----- Iam continuar a acompanhar, mas iriam também dar aquilo que achavam que eram os timings necessários para que esse assunto se resolvesse e na medida em que percebessem que esses timings já foram alterados e que nada se estava a passar fariam a pressão em todos os órgãos necessários, como fizeram com o Quartel da Graça, como faziam relativamente a outros assuntos. Esse era o posicionamento sobre todos os assuntos que faziam parte da Freguesia, que não eram competência direta da Junta, mas que evidentemente assumiam a responsabilidade por fazerem parte do contexto geográfico. -----

----- **Vogal do Executivo Tiago Martins** disse que relativamente à questão dos concursos dava a seguinte nota: Tinham vários concursos que andavam naturalmente a velocidades diferentes, tinham júris diferentes e andarem mais depressa ou mais devagar dependia muito não só do número de candidatos a cada concurso, mas depois também de cada júri. Aquilo que podiam garantir era que sempre que era solicitada à Junta de Freguesia a contratação, por exemplo, de algum serviço para avaliação psicológica, eram o mais diligentemente possível e davam essa continuidade ao serviço. -----

----- Nesse momento tinham casos em que, por exemplo, assistentes operacionais para a higiene urbana, espaço público, espaços verdes, já tinham os resultados que até estavam no site, podiam consultar os resultados das provas de conhecimento e, portanto, seguia-se a questão da avaliação psicológica. Havia outros concursos, como por exemplo o da educação de assistentes operacionais, em que as pessoas já foram convidadas para a avaliação psicológica. -----

----- Tinham, por exemplo, um caso do concurso para assistente operacional na área da saúde, que no fundo era um motorista que já havia o resultado da prova psicológica e, portanto, eles andavam a várias velocidades. -----

----- Aquilo que se calhar podiam fazer, e ficava ali o compromisso, era até enviar previamente uma tabela onde todos pudessem perceber o estado em que cada concurso estava, mais detalhado. Ficava esse compromisso. -----

----- **A Senhora Presidente da Assembleia** em exercício disse que, não obstante daí a 40 minutos ter que colocar a votação a continuidade da Assembleia, queria pedir para fazer uma pequena pausa de dez minutos. -----

----- (Neste momento a reunião foi interrompida)-----

----- **Membro Luís Souto (IL)** disse que saudava a normalidade democrática da reunião, era muito importante ver a normalidade democrática, voltou à normalidade democrática. De qualquer maneira, notava-se o mesmo problema de sempre, que era a redundância na reunião. Ou seja, eram um partido liberal, um partido de otimização, de minimização e continuavam ali com redundâncias na reunião. Não falara até agora porque tinha lido de qualquer maneira toda a documentação que lhe enviaram, quer as atas, quer a ordem de trabalhos e na ordem de trabalhos, nomeadamente, o Senhor Presidente ia explicar quase todos esses temas que começaram a perguntar antes. Ou seja, havia qualquer coisa ali que não estava bem, uma redundância, pelo menos o trabalho como liberais era diminuir as redundâncias. -----

----- Na próxima vez, ou faziam todas as perguntas, também tinha montes de perguntas que felizmente foram cobertas por quase todos os partidos ali presentes, mas já tinha lido o que o Senhor Presidente tinha escrito sobre esses temas. Por isso, notava redundâncias. Então, ou a ordem de trabalho não estava correta, ou tinham que deixar decorrer a reunião de uma forma fluida e depois intervinham quando era necessário, senão estavam ali só a fazer redundâncias atrás de redundâncias.-----

----- **Membro Vitor Agostinho (PCP)** disse que tinha duas questões, a primeira em relação à piscina demonstrava que aquilo que foi anteriormente, aquilo que a Câmara estava a dizer, não era tão verdade quanto isso, porque acontecia o que tinha acontecido no país e a tal estrutura mantinha-se ali sem problemas. Aliás, até havia perigo, porque havia trabalhadores dentro da piscina a trabalhar, se aquilo caísse era um problema. Portanto, havia aqui coisas que a Junta tinha que ir mais ao fundo, ver onde as coisas aconteciam. -----

----- A outra tinha a ver com o fecho da estação de Santa Apolónia. O Presidente enumerou duas ou três carreiras de autocarro, mas desculpassem, começavam logo pelas carreiras de bairro que passavam por ali e iam deixar de passar. Ou seja, era necessário que essa reunião, que tinha a ver com a Carris, fosse muito clara para os moradores, porque o número de carreiras era enorme, dez carreiras que passavam ali e todas essas dez favoreciam os moradores, ou aqueles que iam de Vila Franca, que iam não sabia de onde, porque eram milhares que estavam ali assim. -----

----- A malta que ia do comboio e que apanhava o metro eram milhares. Tinha a ver com a Junta poder ver realmente o que ia na intenção daquela gente, porque sabiam que eles queriam fechar aquilo não era apenas por causa do atraso disso, era que eles queriam fechar aquilo porque, como estava lá um hotel, tinham necessidade na parte da frente fazer ali um jardim para o hotel. Diziam que era para os moradores, mas um jardim para o hotel e queriam fechar aquilo por causa disso também.-----

----- Portanto, a sua chamada de atenção era só seguirem mais a linha para ver realmente o que os moradores iam ficar prejudicados com isso. -----

----- **O Senhor Presidente da Junta** disse que ia ser um processo *ongoing*, não era uma coisa que estava fechada agora. -----

----- Relativamente ao encerramento da estação já foram dadas várias datas, a primeira era para ser em dezembro e, portanto, era por isso que dizia que ia fechar, sabiam que ia em setembro, depois era... portanto, era normal e natural. -----

----- Relativamente ao transporte em concreto, a principal preocupação, não a única, mas a principal preocupação que falaram com o Carris, sabiam que Santa Apolónia era um interface, comboio, autocarro, metro e, portanto, havia uma grande quantidade de população que necessitava desse interface. Perguntaram, então, como seria feita essa deslocação de pessoas e qual era o reforço que seria dado às pessoas que eventualmente precisassem de ir do Terreiro do Paço, que iam passar para Santa Apolónia para ir para a

Gare do Oriente, ou vice-versa. Ou seja, a estação Sul-Este. Portanto, essas questões em específico, era para reforçar e mitigar essa afluência de pessoas que não fregueses, mas que eram pessoas que utilizavam o interface na Freguesia, que era onde tinham mais pressão. -----

----- As carreiras de bairro, iria voltar a reunir, mas acreditava que não era para cancelar, podia haver necessidade de reorganizar determinadas rotas, mas iam manter, evidentemente. A questão ali era realmente salvaguardar que a pressão que tinham desse interface fosse reduzida com um aumento das carreiras para fazer face a isso. Essa garantia foi dada e era isso a grande preocupação, para além, evidentemente, das preocupações com as carreiras de bairro dos moradores, era garantir que depois não havia uma disrupção completa de toda a cadeia de mobilidade nessa parte da cidade, que depois, por sua vez, seria muito complicado conseguirem salvaguardar todas essas questões e que as pessoas conseguissem deslocar para o trabalho, entre outros aspetos. -----

----- **Membro Tiago Gonçalo (PSD)** disse que queria fazer só uma observação rápida, porque acima de tudo era um tema que lhe dizia muito. Tiveram ali o pai de uma criança que se focou um pouco nos programas apresentados pelos CAFs. Para quem o conhecia, durante muitos anos era algo que fazia com regularidade e estranhava o Presidente ir com alguns números em que recebia 153 mil euros para esse tipo de atividades e em que gastava 340 mil. Pelo menos foi aquilo que tinha percebido, foi o valor que disse que recebiam para esse tipo de atividades. -----

----- (diálogos cruzados) -----

----- Continuando, disse que era o que tinha depreendido, mas apresentou ali alguns números entre custos e aquilo que acabavam por receber da Câmara. Achava que faziam um desinvestimento nesse tipo de atividades e quando faziam desinvestimento na parte da educação, ou no conhecimento que acabavam por dar, e era algo que a Junta se deveria focar, quando faziam esse tipo de desinvestimento na educação e nas crianças estavam a fazer um desinvestimento no futuro. -----

----- Achava que esse tipo de experiências, que o Presidente acabou por dizer que iam experimentar, eram experiências muito tristes, na sua opinião. Achava que se podia desinvestir em muita coisa, mas na parte da educação, no conhecimento, nas férias e proporcionar a todas as crianças esse tipo de atividades, não era uma experiência que se devia fazer. Até porque nos últimos doze ou quinze anos, mesmo antes de terem essa fusão das Juntas, os programas, tanto de Praia-Campo como de CAFs e AAAs, sempre foram programas muito dinâmicos, sempre foram programas onde se tentou dar a todas as crianças um tipo de conhecimento diferente e aquilo que acabavam por ver do programa que foi apresentado numas linhas gerais, porque lá não dizia nada, dizia que um dia iam à praia, outro dia iam à piscina e o resto era parques, gostava que fosse mais delineado esse programa para perceberem efetivamente o que ia acontecer. -----

----- Não conseguia entender, até porque era função de uma Junta de Freguesia ter contas equilibradas, mas não eram nenhuma empresa privada onde abdicavam de algo para poder ter ou lucro ou não ter tanto prejuízo. O prejuízo nas crianças nunca era um prejuízo, era um investimento e por isso gostava que dessem mais algum tipo de informação daquilo que iam fazer, do conhecer a Freguesia, do conhecer as ruas. Não sabia se depois iam fazer um monopólio da Junta de Freguesia de São Vicente para as crianças conhecerem quais eram as ruas todas, mas achava que era importante pelo menos perceber esses pormenores. -----

----- Depois gostava só de fazer um apontamento à Eleita do PS. Percebia perfeitamente que todas as pessoas quando havia ausências, que era legítimo, nem todos tinham que estar ali, mas era estranho no meio de 26 pessoas não conseguir fazer substituir, acabava por ser estranho. Era legítimo, todas as pessoas tinham o seu tempo, mas a realidade era

que ao fim desses meses essa desorganização acabava por preocupar e a função ali era realmente colocar essas questões para poderem ser esclarecidas. -----

----- Para terminar, a Membro do PCP Michele fez catorze perguntas, o Daniel acabou por já fazer um bocadinho esse trabalho que estavam a pensar e realmente era lamentável porque de tudo aquilo que foi respondido a palavra que mais ouviram foi “não sei e está a ser”. Ficava contente com isso, porque acreditava que provavelmente daí a três meses, quando estivessem ali novamente, o Executivo chegasse ali e dizer que estava tudo feito. Era essa a esperança que ficava, porque o “não sei”, o “está a ser feito”, o “já falámos”, terminava com uma observação a algo que o Presidente uma vez referiu ali numa Assembleia, era que gostava muito de andar de transportes públicos. Não sabia se ele sabia que o elétrico que andava, frequentava os transportes públicos e bem, se sabia que o elétrico 28 passava na Praça do Comércio, onde era a Câmara. Se fossem lá, se calhar conseguiam obter informações sobre muita coisa que acabou por dizer ali. -----

----- **Membro Sílvia Ferreira (PS)** disse que nunca na sua vida imaginara dizer isso, gostava de subscrever o pedido de alguma síntese ali manifestado pela Iniciativa Liberal, sendo que isso era uma coisa que nunca imaginara fazer na vida, porque em prol da boa avaliação dos documentos, dos instrumentos e dos pedidos de informação, que no âmbito da apresentação das informações do Presidente todas essas questões poderiam ter sido submetidas e já teriam corrido a ordem de trabalhos, gostava de sugerir ao Senhor Presidente primeiro que levasse as questões ali colocadas ao Presidente da Câmara de Lisboa numa Assembleia Municipal e que levasse as respostas necessárias que o Senhor Presidente podia não saber, ou então se calhar pedir uma sessão ao Senhor Presidente da Câmara para ir ali justificar-se. -----

----- **Vogal do Executivo Tiago Martins** disse que essa de ir à Câmara era muito boa, porque aquilo que tiveram na última Assembleia de Freguesia a propósito do centro de pernoita era o PSD a saber mais do que o Executivo e, pasmassem, não tinha nada a ver com o interesse em saber. Aliás, o Senhor Presidente da Junta já várias vezes pediu o plano funcional e até agora nada. -----

----- Portanto, se calhar era o PSD que tinha que começar a levar a informação da Câmara Municipal porque, pelos vistos, estava muito mais bem informado do que o resto da população. Não sabia porquê. -----

----- Relativamente à questão das atividades, do valor que se recebia, a Junta de Freguesia não recebia um único cêntimo para programas de férias. A única coisa que recebia era ao abrigo de um contrato de delegação de competências para garantir os CAFs e os AAAs. Portanto, a Freguesia, quando tinha competência para administrar os CAFs e os AAAs, quando chegava ao mês de julho, aquilo que tinha que fazer era ter a escola disponível para quem manifestava esse interesse, ponto final. Ou seja, era essa a obrigação da Junta de Freguesia, era ter os alunos na escola com monitores, com o rácio adequado. -----

----- Aquilo que a Junta de Freguesia tinha feito ao longo desses anos e que ia fazer outra vez em 2026 não era um desinvestimento, era um investimento brutal face ao valor que recebia da Câmara Municipal no mês de julho. O Senhor Presidente referiu cerca de 150 mil euros que recebiam de CAFs e AAAs ao longo do ano letivo de 2025-2026 e isso dividido por onze, que nem era bem por onze porque em julho os encargos eram maiores, havia mais horas disponíveis, dividido por onze dava 14 mil euros. Portanto, em julho, a Junta de Freguesia encaixava do contrato de delegação de competências 14 mil euros e o que o Senhor Presidente disse foi que no programa de férias do ano passado, gastou 340 mil euros. -----

----- Nem tinha feito as contas, mas isso era uma percentagem de diferença brutal. Portanto, quando se falava em desinvestimento perguntava qual era o desinvestimento. Sabia qual era, seria o da Câmara Municipal porque, chegado a esse ponto, o que a

Câmara Municipal devia perceber era se não faria sentido uma política em Lisboa de programas de férias que pusesse todas as Freguesias em pé de igualdade, que pusesse todos os residentes em pé de igualdade. -----

----- Aquilo que estava a acontecer em algumas zonas da cidade, que era a Câmara Municipal que os obrigava assim a funcionar, era criarem sistemas duais, em que havia crianças que ficavam nos CAFs e nos AAAs porque não podiam pagar para ir num programa de férias, depois havia quem podia pagar e ia em programas à parte. Isso em São Vicente não existia, em São Vicente tratavam CAFs e residentes que não estavam nos CAFs exatamente da mesma maneira e isso era um progresso. -----

----- Portanto, a pergunta era qual o desinvestimento. Estava a minorizar a questão do que se ia fazer na Freguesia e o Tiago sabia muito bem, conhecia as pessoas que na Junta de Freguesia tratavam dessas questões e aquilo que as pessoas iam dando mostras de serem capazes era de perceber o contexto e de fazer as atividades com a maior qualidade pedagógica e de entretenimento para as crianças possível. Aliás, era essa equipa que estava a montar um projeto na Junta de Freguesia de São Vicente que ia ser diferenciador relativamente às AECs, para dar outro tipo de enquadramento às AECs e não empurrar as crianças para protocolos com associações. Eram essas mesmas pessoas que estavam a preparar o programa, que percebiam o que as crianças precisavam, conheciam as crianças, conheciam a Freguesia, sabiam as potencialidades e que iam fazer um programa com toda a qualidade. Depois, aquilo que se faria em setembro ou outubro era colher a avaliação dessa atividade, falariam abertamente sobre o que correu bem e o que correu mal e daí o Senhor Presidente tinha toda a razão, era uma experiência e tinham que compreender que isso não era ciência exata. -----

----- Aliás, relativamente a questões de avaliação, a Junta de Freguesia de São Vicente para o projeto de avaliação ia fazer uma coisa que não diria que seria pioneira, porque não conhecia todas as Juntas de Freguesia do país, mas ia avaliar a intervenção nas AECs do princípio ao fim para haver dados, para as pessoas poderem discutir as coisas informadas, para que não se falasse que havia um desinvestimento só porque era necessário ter responsabilidade orçamental. -----

----- Outra coisa, o PSD que foi falar ali do desinvestimento na educação foi o mesmo PSD que votou ali contra o aumento das taxas para os arraias, que o grande objetivo era dar equilíbrio ao arraial. Portanto, se estavam assim tão preocupados com os investimentos na educação, então comessem a responder às perguntas de onde foi o dinheiro e quando era apresentada uma proposta concreta para dar estabilidade financeira, responsabilidade financeira, respondessem de uma forma que fizesse sentido, que tornasse a posição coerente. Era isso que se pedia. -----

----- **Membro Tiago Gonçalo (PSD)** disse que era sempre um gosto enorme ouvir o Tiago falar, mas depois, esmiuçando aquilo que dizia era zero, mas ia refutar. -----

----- Em primeiro lugar, votaram e iriam continuar a votar sobre algo que achavam que seria completamente ilegal, a parte dos arraias. Fazer essa comparação em que o dinheiro dos arraias era para a educação, ou estava a dizer que iam fazer um desinvestimento ou então estava baralhado. -----

----- Para além disso, voltava a dizer que experiências com crianças para si não eram feitas, experiências com crianças com desinvestimento também não. Sempre foi feito anteriormente, agora não era possível, assumissem esse risco e pensassem. -----

----- Outra pergunta que queria saber, até porque valorizou-se em tanto a função daquilo que iam fazer, era se as AECs agora eram da Junta. Ia passar a ser a Junta a gerir? -----

----- **Vogal do Executivo Tiago Martins** disse que não percebia qual era a novidade. As opções do plano para 2026, aliás, pensava que isso até foi discutidas entre todos, já não estava certo, mas pensava que sim, mas estava nas opções do plano preto no branco e

dizia que a Junta de Freguesia ia avaliar a possibilidade de administrar diretamente as AECs e ia fazer. Até tinha ideia, tinha quase certeza que estava na informação escrita essa informação.-----

----- **A Senhora Presidente da Assembleia em exercício** disse que cabia nesse momento questionar a Assembleia sobre a suspensão dos trabalhos. Segundo o Regimento, as reuniões não deviam ter a duração superior a três horas, exceto se a maioria da Assembleia assim decidisse. Portanto, punha em votação a suspensão dos trabalhos. --

----- **Membro Bruno Santos (PSD)** disse que já saíram dali outros dias perto da meia-noite e até depois da meia-noite. Havia ali pontos que se calhar não tinham muito conteúdo e que podiam já tratar. A não ser que alterassem a ordem de trabalhos e podiam também fazê-lo. -----

----- **A Senhora Presidente da Assembleia em exercício** disse que podiam fazer. De qualquer forma, às três horas tinha que colocar à votação. Aliás, antes, para não ultrapassar as três horas tinha que colocar à votação da Assembleia a continuidade. ---

----- **Membro Daniel Adrião (MEFSV)** disse que a partir de uma certa hora já ninguém estava a assistir a isso lá em casa, porque depois da meia-noite era completamente inverosímil pensar que as pessoas estavam em casa a assistir à Assembleia. Portanto, achava que não fazia sentido continuar para além dessa hora. Ou efetivamente havia uma gestão mais eficiente do tempo, como já foi ali dito, o que era difícil e isso era muito fácil de dizer, mas depois era difícil de executar, ou então havia ordens de trabalho mais curtas, ou de facto tornava-se absolutamente exaustivo estarem ali. Já estavam todos quase cansados de se ouvirem a si próprios. Portanto, achava que era do mais elementar bom senso que, de facto, terminassem os trabalhos à meia-noite. Como não iam esgotar a agenda, que pudessem remarcar uma nova data para a Assembleia. -----

----- **Membro Vitor Agostinho (PCP)** disse que deviam suspender a Assembleia, porque ficava muito feliz que na próxima Assembleia começavam a Assembleia às oito e meia e às nove e meia acabavam. Eram coisas tão simples para resolver na opinião do PSD que rapidamente resolviam, mas como não iam resolver concordava que a Assembleia fosse adiada, para haver condições de analisar as propostas que a Junta de Freguesia fazia à Assembleia de Freguesia. -----

----- **Membro Sílvia Ferreira (PS)** disse que eram favoráveis à suspensão nesse momento da reunião, para que na próxima sessão de continuidade pudessem de facto começar com o ponto um da ordem de trabalhos, da ordem do dia. -----

----- **Membro João da Silva (Chega)** disse que o Chega também partilhava a mesma opinião e que se deveriam suspender os trabalhos. -----

----- **Membro Tiago Gonçalo (PSD)** disse que obviamente a opinião do PSD ali acabava por ser em minoria, mas agradecia imenso que ficasse agora decidida uma data para a realização da próxima. -----

----- **A Senhora Presidente da Assembleia em exercício** submeteu à votação a **suspensão da presente reunião**, tendo a Assembleia deliberado **aprovar, por maioria**, com 1 abstenção e restantes votos a favor. -----

----- **Membro Sílvia Ferreira (PS)** disse que o PS gostaria de sugerir a próxima quinta-feira para a realização da reunião, dando tempo e prazo para que houvesse a convocatória nos termos das sessões anteriores. -----

----- **Membro Tiago Gonçalo (PSD)** disse que fazia a sugestão de ser já no dia seguinte, para terminar isso rapidamente. -----

----- **Membro Daniel Adrião (MEFSV)** disse que acompanhava a sugestão do Partido Socialista. -----

----- **Membro Vitor Agostinho (PCP)** (início da intervenção fora do microfone)... se fossem todos o mesmo decidiam que iam reunir às quatro da manhã, se esperavam para

ver futebol também podiam esperar para a Assembleia, mas como isso não era possível achava melhor serem prudentes para depois não haver ali problemas de legalidade nas convocatórias. -----

----- **Membro Daniel Adrião (MEFSV)** referiu que havia uma questão prévia e isso não foi feito na última Assembleia, na sessão de continuação. Se os trabalhos estavam interrompidos não se justificava haver o PAOD, nem o período do público. -----

----- **A Senhora Presidente da Assembleia em exercício** disse que queria fazer essa ressalva. Na sessão de Assembleia anterior, que foi também dividida em duas sessões, abriu-se a exceção de, no fim da primeira sessão, voltar a haver intervenção do público. No entanto, isso não era suposto fazer. O que seria suposto acontecer era haver intervenção do público no início da Assembleia e no fim da Assembleia, independentemente do número de sessões que aconteciam. -----

----- Parecia-lhe mais uma razão para haver algum tempo entre uma Assembleia e a outra, para que os intervenientes, se quisessem regressar, tinham todo o direito a isso e voltar a usar dos mesmos vinte minutos. Portanto, como foi aberta essa exceção, podia ter induzido em erro o público, mas a intervenção do público iria acontecer no final da Assembleia, no final da próxima sessão, que pensava poderem acordar para quinta-feira, dia 2 de julho. Diria que menos de 48 horas era complicado. -----

----- (diálogos cruzados) -----

----- **Membro Sílvia Ferreira (PS)** disse que na verdade não eram 48 horas. Tinham-se adotado as 48 horas para aviso, mas se a convocatória saísse no dia seguinte as pessoas tinham tempo de dois dias, pelo menos de garantir. O jogo começava à meia-noite, não podiam ter mais de três horas novamente de reunião, ou tentariam não ter. Não dizia que se resolvesse numa hora, poderia ir até três a ordem de trabalhos, mas considerando que o PAOD levou mais de três horas já estava em dúvida com certas coisas que tinha como certas. -----

----- Em todo o caso, pensava que a sugestão podia manter-se para quinta-feira, dia 2, para não protelar mais uma semana ou duas e criar outras situações. -----

----- **O Senhor Presidente da Junta** disse que achava que a reunião deveria ser quinta-feira e depois iam ver o jogo todos juntos. Assim estava fechado o assunto. -----

----- **A Senhora Presidente da Assembleia em exercício** referiu que, então, suspendiam os trabalhos e regressariam no dia 2. A convocatória seria enviada o mais depressa possível. -----

----- **Membro Tiago Gonçalo (PSD)** disse que obviamente as pessoas, como dizia a Eleita do PS, todos tinham a sua vida, provavelmente o PSD não estaria representado por esses eleitos, até porque achava que não fazia sentido rigorosamente nenhum. Todos eram portugueses, todos gostavam de Portugal e obviamente que já tinham as vidas organizadas para isso. Marcar uma Assembleia para esse dia, correndo o risco de não saber a que horas podiam sair dali, achava que era um pouco... -----

----- **Membro Bruno Santos (PSD)** disse que preferia ver o jogo com a sua família do que ver com o Senhor Presidente. Não o levasse a mal, gostava muito, mas preferia ver com a sua família. -----

----- Só queria notar uma coisa, sabia que era democracia e convivia muito bem com isso, mas não queria deixar de notar um facto. Na Assembleias de Freguesia da tomada de posse, nessa nem foram consultados para nada, nenhum dos Membros eleitos, foi só comunicado. Todas as outras, em relação à tentativa de agendamento de datas, foram sempre consultados e caíra na esparrela da primeira vez de inclusivamente pedir, e tinham todos um grupo de WhatsApp, pedira para que não fosse feita uma Assembleia de Freguesia no dia de aniversário da Academia Recreativa Leais Amigos, da qual muito se

orgulhava de ser Presidente e foi precisamente no dia de aniversário que foi marcada a Assembleia. -----

----- Mais uma vez acontecia estarem a pedir para que não fosse marcada em determinado dia e parecia que era pontaria, era só azar, era da vida. Não podia quinta nem sexta. ---

----- **A Senhora Presidente da Assembleia em exercício** disse que não tinha qualquer questão entre ser 2 ou 3. -----

----- **Membro Daniel Carapau (BE)** disse que tendo em conta a antecedência mínima da convocatória e a realização do jogo, seria mais seguro na sexta-feira, até porque havia pessoas que iam estar ali a trabalhar na sessão, mesmo que acabasse à meia-noite não se ia conseguir desmontar tudo em dez minutos. Portanto, achava que também tendo em conta toda a logística que a reunião envolvia, seria mais razoável sexta-feira. -----

----- (diálogos cruzados) -----

----- **A Senhora Presidente da Assembleia em exercício** disse que parecia estar entre dia 3 e dia 6. -----

----- **Submeteu à votação as datas de 3 de julho e 6 de julho para continuação da reunião, tendo a Assembleia deliberado, por maioria, a continuação no dia 3 de julho.**-----

----- Deu por encerrada a reunião, eram vinte e três horas e cinquenta e três minutos. --

----- Da reunião foi lavrada a presente ata que, depois de lida e aprovada, vai ser assinada pelos Membros da Mesa presentes. -----

1º.SECRETÁRIO _____ 2º.SECRETÁRIO _____ -

----- PRESIDENTE-----